



# MACHADIANA ELETRÔNICA

v. 8, n. 16, jul.-dez. 2025



ISSN 2594-5084

# SUMÁRIO

## **EDITORIAL**

Lamento e alento.....	9
<i>José Américo Miranda</i>	

## **TEXTOS APURADOS**

Vespas americanas – 1 (5 jun. 1864).....	13
<i>Machado de Assis</i>	

Vespas americanas – 2 (19 jun. 1864).....	15
<i>Machado de Assis</i>	

No álbum do Sr. F. G. Braga.....	19
<i>Machado de Assis</i>	

D. Jucunda.....	21
<i>Machado de Assis</i>	

## **TEXTOS COM APARATO EDITORIAL**

Vespas americanas – 1 (5 jun. 1864).....	33
<i>Machado de Assis</i>	

Vespas americanas – 2 (19 jun. 1864).....	37
<i>Machado de Assis</i>	

No álbum do Sr. F. G. Braga.....	41
<i>Machado de Assis</i>	

D. Jucunda.....	45
<i>Machado de Assis</i>	

## **OUTRAS EDIÇÕES**

A um jovem poeta (O Sr. J. M. M. d'Assis) Em resposta a uns versos que me dedicou. <i>Francisco Rodrigues Braga</i> .....	59
---	----

## **ARTIGOS**

As “Vespas americanas” de Machado de Assis <i>Ivo Korytowski</i> .....	63
---	----

## **ÍNDICES**

Índices atualizados até o v. 8, n. 16.....	69
<i>José Américo Miranda</i>	

## **ABREVIATURAS**

Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.....	101
<i>José Américo Miranda</i>	

## **ERRATAS**

Erratas.....	109
<i>José Américo Miranda</i>	

# EDITORIAL

## LAMENTO E ALENTO

Primeiro o lamento: é de deplorar – e afligir qualquer um – o encerramento das atividades da revista *Machado de Assis em Linha*, que havia sido criada por Marta de Senna e Hélio de Seixas Guimarães. Era o mais importante órgão dedicado a Machado de Assis, que é o maior dos nossos escritores. Não tenho mais palavras para expressar o pesar que isso nos causa a todos.

Depois o alento, que dura mais tempo (não que a dor antes mencionada não permaneça). Nosso alento é este novo número da *Machadiana Eletrônica* (n. 16!), que traz duas crônicas publicadas na *Semana Ilustrada*, em 1864, editadas por Ivo Korytowski – um recente e bem-vindo colaborador nosso!

Segue-se às duas crônicas um poema da juventude do poeta, editado há algum tempo, que estava aguardando oportunidade de publicação. Trata-se de um poema dedicado ao seu amigo de juventude Francisco Gonçalves Braga. O poema que Braga compôs, em resposta ao de Machado, encontra-se na seção Outras Edições.

E, por fim, um conto formidável: “D. Jucunda”. Publicado em 1º de janeiro de 1889, sendo, portanto, uma obra da maturidade, é um conto que se encontra completamente estropeado na *Gazeta de Notícias* digitalizada e disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. Felizmente houve duas cópias feitas na década de 1950, a de Raimundo Magalhães Júnior (coletor incansável dos dispersos de Machado nos periódicos, antes que eles se perdessem definitivamente – como teria acontecido com “D. Jucunda”); e a da primeira edição da *Obra completa*, em 1959, pela editora José Aguilar.

José Américo Miranda  
Belo Horizonte, 14 de fevereiro de 2025.

# TEXTOS APURADOS

## VESPAS AMERICANAS – 1



Estas vespas nem são áticas, como as de Aristófanes, nem gaulesas, como as de Alphonse Karr. Tenho consciência de que elas mordem com menos graça, e não sabem tirar sangue, fazendo rir o paciente.

Demais, tudo depende do objeto. As vespas áticas investiam contra a filosofia de Sócrates, e as vespas gaulesas contra a monarquia de Julho. Ora, eu creio que não preciso provar que as vespas americanas não pretendem atacar coisa que se pareça com a monarquia de Julho ou com a filosofia de Sócrates.

Portanto, nem por si, nem pelos padecentes, as vespas americanas não podem fazer grande coisa. Darão a sua ferroada, de quando em quando, sem bulha nem matinada.



– Por que não falou ainda o Sr. Ferraz?

É a pergunta que me fazia ontem um membro do parlamento.

– Eu sei lá! respondi eu.

E pus-me a cogitar.

– Por que não falaria o ex-ministro da fazenda, quando deve estar empenhado em combater a situação atual, cujos sintomas começaram a aparecer durante o seu ministério?

S. Ex. tem a língua solta, não é peço, tem talento e sabe fazer oposição. Esta viagem a Paris, onde visitou o parlamento, deve dar-lhe vontade de subir amiudadas



vezes à tribuna, para mostrar que não só não desaprendeu, como aprendeu muita coisa nova.

Com efeito, é de supor que o ilustre conselheiro, tendo estudado a eloquência parlamentar francesa, reproduza o sestro de certo indivíduo que, tendo ido várias vezes às sessões do júri, não falava senão de um modo pausado e grave:

– Mas, – eu – creio, – que, – tiradas as – consequências, – seremos obrigados – a – concluir – forçosamente, etc., etc., etc.

A expectativa tem sido burlada, e o conselheiro não fala. Mal solta um apartezinho, de quando em quando, e... moita.

O que me parece é que o ilustre senador consultou algum mágico, e no meio daquele silêncio está observando tudo com disfarçada atenção.

S. Ex. usa agora uma luneta quadrada, que prende galhardamente ao olho direito. Esta luneta, não creio que seja uma simples luneta. Todos os que leram Hoffmann lembram-se daquela luneta que um certo Coppélius dá a um rapaz (não é epigrama, conselheiro!) e pela qual o referido rapaz vê cousas diabólicas e extraordinárias. Presumo que o conselheiro achasse no caminho algum Coppélius.

Será assim?

*Dicant Parienses!*



Não vou mais longe porque a folha não comporta.

Naturalmente queriam mais um pouco de política?

Pois não há mais.

Espero o resultado das cousas. Deixo o ministério, a câmara e o senado progredir na obra que lhes está incumbida, sem dizer o que penso a respeito dos boatos sobre a continuação do gabinete.

O que me consta é que o gabinete, em um momento de bom humor, fez uma ligeira paródia do *Gastibelza* de Victor Hugo:

Le vent qui vient du côté de la chambre,

M'a rendu... fort!

Gil [Machado de Assis].

[*Semana Ilustrada*, 5 jun. 1864, p. 1455.]

Editor: Ivo Korytowski

## VESPAS AMERICANAS – 2

Voem, voem, minhas vespas! Há tempos já que vos conservo escondidas e tranquilas. É preciso voar, correr, picar, e depois voltar de novo ao vosso asilo, para sair a novas empresas para a semana seguinte!



Então o governo crê na Providência? Não crê? É católico? Não é? Tais foram as dúvidas que se discutiram ultimamente no senado, a propósito da resposta à fala do trono.

Para provar que o governo não crê na Providência, veio a livraria abaixo, citaram-se exemplos, comparações e invectivas, tudo por parte da oposição.

Para provar que o governo crê na Providência, veio igualmente a livraria abaixo, citou-se a Baviera, a Bélgica, a França, não sei se Tomboncton também, tudo por parte do ministério.

E, no fim de contas, ficou o país entre as duas opiniões, inclinado a crer que não crê, quando ouvia a oposição; inclinado a crer que crê, quando ouvia o ministério.

Tal é o jogo deste sistema parlamentar, onde a palavra vem sempre a pelo para alterar, disfarçar, contrariar os fatos, raras vezes para confirmá-los.

Ouvindo aquela discussão (pueril no fundo, como as cousas mais pueris) lembrei-me de um país, fantasiado por um escritor, onde dois jornais, um oposicionista, outro governista, diziam uma certa manhã:

O oposicionista:

“Até quando estaremos debaixo desta tirania feroz? Ainda ontem o príncipe comeu ervilhas! Continuaremos a sofrer semelhante jugo?”

O governista:

“Cada dia nos cabe um benefício do céu, com o príncipe que temos. Ainda ontem o príncipe comeu ervilhas.”

\*

\* \*

Pede-se o conceito da charada, que, sob a forma de discurso, pronunciou o Sr. Ferraz há alguns dias, e veio esta semana impresso no *Mercantil*.

Falei, nas últimas *Vespas*, no silêncio que conservava o Sr. Ferraz. Não podia explicar a mim mesmo aquele silêncio. Agora achei.

Tive um dia um pintassilgo, que me haviam dado de presente. Cantava que era um gosto. Mas, certo dia, deixou de cantar e ficou jururu.

Debalde lhe dava pão de ló e vinho; era inútil. O passarinho não cantava. Entristeci.

Um dia de manhã, fui despertado por um trinado alegre e vivo, mas um pouco hesitante e embrulhado. Corro à gaiola. Era o pintassilgo que cantava. Alegrei-me como nunca.

Indaguei a causa disto, e então explicaram-me que os pássaros, quando estão na muda das penas, ficam mudos e só cantam depois de terem completamente adquirido penas novas. – *Apliquen el cuento!*



Eis o aviso que acompanha o anúncio do teatro de S. Pedro, recentemente reformado:

“Ninguém poderá entrar para as cadeiras superiores sem estar decentemente vestido e sem paletó branco e chapéu baixo ou do Chile; assim também para os lugares inferiores não serão admitidas pessoas sem gravata, ou com roupas que ofendam a dignidade do lugar.”

É justo tudo isto, menos num ponto. Tenho um amigo que anda elegantemente vestido, graças a uma fortuna muito regular, que possui. É rapaz da melhor roda e perfeitamente conhecedor dos estilos da civilidade. Todavia, tem ele um gosto, que pode ser discutido, mas que é um gosto: usa chapéu do Chile, do preço de 55\$000 rs. Pergunta-se: este amigo não poderá entrar nas cadeiras superiores, só por causa de usar de um chapéu do Chile, que, aliás, vale por cinco destes canudos de pelo, que se chamam chapéus, e que podem entrar nas cadeiras superiores?

Ainda mais:

Tenho outro amigo, que só frequenta cadeiras superiores nos teatros, mas que, pela sua posição não usa paletó branco e chapéu baixo. Pergunta-se: estará privado de ir às cadeiras superiores do teatro de S. Pedro?

Era melhor que a direção do teatro não tivesse entrado em tais minuciosidades, e apenas anunciasse que para as cadeiras superiores entravam somente as pessoas decentemente vestidas.

Assim evitava todas estas hipóteses absurdas.

Gil [Machado de Assis].

[*Semana Ilustrada*, 19 jun. 1864, p. 1471.]

Editor: Ivo Korytowski

## NO ÁLBUM DO Sr. F. G. BRAGA

Pago ao gênio um tributo merecido  
Que a gratidão me inspira;  
Fraco tributo, mas nascido d'alma.  
MAG. *Saudades.*

Qual descantou na lira sonora  
O terno Bernardim com voz suave;  
Qual em tom jovial cantou Elmano  
Brandas queixas de amor, tristes saudades  
Que em seus cantares mitigou; ó! Vate,  
Assim da lira tu, ferindo as cordas,  
Cantas amores que em teu peito nutres,  
Choras saudades que tu'alma sente;  
Ou ergues duradouro monumento  
À cara pátria que distante choras.

Do Garrett divino – o Vate excelso  
Renasce o brilho inspirador das trovas,  
Das mimosas canções que o mundo espantam  
Nesse canto imortal sagrado aos manes  
Do famoso Camões, cantor da Lísia  
São carmes que te inspira o amor da Pátria.  
Nele relatas em divinos versos  
Do exímio Trovador, a inteira vida  
Já no campo de Marte; já no cume  
Do Parnaso bradando aos povos todos  
Os feitos imortais da lusa gente!  
Nessa epopeia, monumento excelso  
Que em memória do Vate à pátria ergueste,  
Ardente se desliza a etérea chama,  
Que de Homero imortal aos sucessores  
Na mente ateia o céu com forte sopro!

Euterpe, a branda Euterpe nos teus lábios  
Da taça d'ouro, derramando o néctar  
Deu-te a doce poesia com que outrora →

Extasiou Virgílio ao mundo inteiro!  
“Empunha a lira d’ouro, e canta altivo  
Um Tasso em ti se veja – o estro excelso  
De Camões imortal, te assoma à mente;  
E de verde laurel cingida a fronte  
Faz teu nome soar na voz da fama!”  
Foram estas as frases com que Apolo  
Poeta te fadou quando nasceste,  
E em doce gesto te imprimiu na fronte  
Um astro de fulgor, que sempre brilha!

.....

Ah! que não possam estes pobres versos,  
Que n’áureas folhas de teu belo livro  
Trêmulo de prazer coa destra lanço,  
Provar-te o assombro, que ao ouvir-te sinto!  
Embora!... entre os arquejos de minh’alma  
Do opresso coração entre os suspiros  
As brandas vibrações da pobre lira  
Vão em tua alma repetir sinceros  
Votos dest’alma que te prove o assombro  
Que sinto ao escutar-te as notas d’harpa!

Rio de Janeiro, 1855.

*J. M. M. d’Assis.*

[*Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 634, p. 3-4, 9  
out. 1855.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz  
Campos

### **D. Jucunda**

Ninguém, quando D. Jucunda aparece no Imperial Teatro de D. Pedro II, em algum baile, em casa, ou na rua, ninguém lhe dá mais de trinta e quatro anos. A verdade, porém, é que orça pelos quarenta e cinco; nasceu em 1843. A natureza tem assim os seus mimosos. Deixa correr o tempo, filha minha, disse a boa madre eterna; eu cá estou com as mãos para te amparar. Quando te enfastiares da vida, unhar-te-ei a cara, polvilhar-te-ei os cabelos, e darás um pulo dos trinta e quatro aos sessenta, entre um cotilão e o almoço.

É provinciana. Chegou aqui no começo de 1860, com a madrinha, – grande senhora de engenho, e um sobrinho desta, que era deputado. Foi o sobrinho quem propôs à tia esta viagem, mas foi a afilhada quem a efetuou, tão somente com fazer descair os olhos desconsolados.

– Não, não estou mais para essas folias do mar. Já vi o Rio de Janeiro... Você que acha, Cundinha? perguntou D. Maria do Carmo.

– Eu gostava de ir, dindinha.

D. Maria do Carmo ainda quis resistir, mas não pôde; a afilhada ocupava em [se]u coração a alcova da filha que perdera em 1857. Viviam no engenho desde 1858. O pai de Jucunda, barbeiro de ofício, residia na vila, onde fora vereador e juiz de paz; quando a ilustre comadre lhe pediu a filha, não hesitou um instante; consentiu em entregar-lha para benefício de todos. Ficou com a outra filha, Raimunda.

Jucunda e Raimunda eram gêmeas, circunstância que sugeriu ao pai a ideia de lhes dar nomes consoantes. Em criança, a beleza natural supria nelas qualquer outro alinhamento; andavam na loja e pela vizinhança, em camisa rota, pé descalço, muito enlameadas às vezes, mas sempre lindas. Aos doze anos perderam a mãe. Já então as duas irmãs não eram tão iguais. A beleza de Jucunda acentuava-se, ia caminhando para a perfeição: a de Raimunda, ao contrário, parava e murchava; as feições iam descambando na banalidade e no inexpressivo. O talhe da primeira tinha outro garbo, e as mãos, tão pequenas como as da irmã, eram macias, – talvez, porque escolhiam ofícios menos ásperos.

Passando ao engenho da madrinha, Jucunda não sentiu a diferença de uma a outra fortuna. Não se admirou de nada, nem das paredes do quarto, nem dos móveis antigos, nem das ricas toalhas de crivo, nem das fronhas de renda. Não estranhou as mucamas (que nunca teve), nem as suas atitudes obedientes; aprendeu logo a linguagem do mando. Cavalos, redes, joias, sedas, tudo o que a madrinha lhe foi dando pelo tempo adiante, tudo recebeu, menos como obséquios de hospedagem que como restituição. Não expressava desejo que se lhe não cumprisse. Quis aprender piano, teve piano e mestre; quis francês, teve francês. Qualquer que fosse o preço das cousas, D. Maria do Carmo não lhe recusava nada.

A diferença de situação entre Jucunda e o resto da família era agravada pelo contraste moral. Raimunda e o pai acomodavam-se, sem esforço, às condições da vida precária e rude, fenômeno que Jucunda atribuíra, instintivamente, à índole inferior de ambos. Pai e irmã, entretanto, achavam natural que a outra subisse a tais alturas, com esta particularidade que o pai tirava orgulho da elevação da filha, enquanto que Raimunda nem conhecia esse sentimento; deixava-se estar na humildade ignorante. De gêmeas que eram, e criadas juntas, sentiam-se agora filhas do mesmo pai, – um grande senhor de engenho, por exemplo, – que houvera Raimunda em alguma agregada da casa.

Leitor, não há dificuldade em explicar essas cousas. São desacordos possíveis entre a pessoa e o meio, que os acontecimentos retificam, ou deixam subsistir até que os dous se acomodem. Há também naturezas rebeldes à elevação da fortuna. Vi atribuir à rainha Cristina esta explosão de cólera contra o famoso Espartero: “Fiz-te duque, fiz-te grande de Espanha; nunca te pude fazer fidalgo”. Não respondo pela veracidade da anedota; afirmo só que a bela Jucunda nunca poderia ouvir à madrinha alguma coisa que com isso se parecesse.

## II

– Sabe quem vai casar? perguntou Jucunda à madrinha, depois de lhe beijar a mão.

Na véspera, estando a calçar as luvas para ir ao Teatro Provisório, recebera cartas do pai e da irmã, deixou-as no toucador, para ler quando voltasse. Mas voltou tarde, e com tal sono, que esqueceu as cartas. Agora de manhã, ao sair do banho, vestida para o almoço, é que as pôde ler. Esperava que fossem como de costume, triviais e queixosas. Triviais seriam; mas havia a novidade do casamento da irmã com um alferes, chamado Getulino.

– Getulino de quê? perguntou D. Maria do Carmo.



– Getulino... Não me lembro; parece que é Amarante, – ou Cavalcanti. Não. Cavalcanti não é; parece que é mesmo Amarante. Logo vejo. Não tenho ideia de semelhante alferes. Há de ser gente nova.

– Quatro anos! murmurou a madrinha. Se eu era capaz de imaginar que ficaria aqui tanto tempo fora de minha casa!

– Mas a senhora está dentro de sua casa, replicou a afilhada dando-lhe um beijo.

D. Maria do Carmo sorriu. A casa era um velho palacete restaurado, no centro de uma grande chácara, bairro do Engenho Velho. D. Maria do Carmo tinha querido voltar à província, no prazo marcado novembro de 1860; mas a afilhada obteve a estação de Petrópolis; iriam em março de 1861. Março chegou, foi-se embora, e voltou ainda duas vezes, sem que elas abalassem daqui; estamos agora em agosto de 1863. Jucunda tem vinte anos.

Ao almoço, falaram do espetáculo da véspera e das pessoas que viram no teatro. Jucunda conhecia já a principal gente do Rio; a madrinha fê-la recebida, as relações multiplicaram-se; ela ia observando e assimilando. Bela e graciosa, vestindo-se bem e caro, ávida de crescer, não lhe foi difícil ganhar amigas e atrair pretendentes. Era das primeiras em todas as festas. Talvez o eco chegasse à vila natal, – ou foi simples adivinhação de malévolo, que entendeu colar isto uma noute, nas paredes da casa do barbeiro:

Nhã Cundinha  
Já rainha  
Nhã Mundinha  
Na cozinha.

O pai arrancou, indignado, o papel; mas a notícia correu depressa a vila toda, que era pequena, e foi o entretenimento de muitos dias. A vida é curta.

Jucunda, acabado o almoço, disse à madrinha que desejava mandar algumas cousas para o enxoval da irmã, e, às duas horas, saíram de casa. Já na varanda, – o *coupé* embaixo, o lacaio de pé, desbarretado, com a mão no fecho da portinhola, – D. Maria do Carmo notou que a afilhada parecia absorta; perguntou-lhe o que era.

– Nada, respondeu Jucunda, voltando a si.

Desceram; no último degrau, perguntou Jucunda se a madrinha é que mandara pôr as mulas.

– Eu não; foram eles mesmos. Querias antes os cavalos?

– O dia está pedindo os cavalos pretos; mas agora é tarde, vamos.

Entraram, e o *coupé*, tirado pela bela parelha de mulas gordas e fortes, dirigiu-se para o largo de S. Francisco de Paula. Não disseram nada durante os primeiros minutos; D. Maria é que interrompeu o silêncio, perguntando o nome do alferes.

– Não é Amarante, não, senhora, nem Cavalcanti; chama-se Getulino Damião Gonçalves, respondeu a moça.

– Não conheço.

Jucunda tornou a mergulhar em si mesma. Um dos seus prazeres diletos, quando ia de carro, era ver a outra gente a pé, e gozar as admirações de relance. Nem esse a atraía agora. Talvez o alferes lhe fizesse lembrar algum general; verdade é que só os conhecia casados. Pode ser também que esse alferes, destinado a dar-lhe sobrinhos cabos de esquadra, viesse lançar-lhe alguma sombra aborrecida no céu brilhante e azul. As ideias passam tão rápidas e embrulhadas, que é difícil colhê-las, e pô-las em ordem; mas, enfim, se alguém supuser que ela cuidava também em certo homem, esse não andarà errado. Era candidato recente o doutor Maia, que voltara da Europa, meses antes, para entrar na posse da herança da mãe. Com a do pai, ia a mais de seiscentos contos. A questão do dinheiro era aqui um tanto secundária, porque Jucunda tinha certa a herança da madrinha; mas não se há de mandar embora um homem, só porque possui seiscentos contos, não lhe faltando outras qualidades preciosas de figura e de espírito, um pouco de genealogia, e tal ou qual pontinha de ambição, que ela puxaria em tempo, como se faz às orelhas das crianças preguiçosas. Já havia recusado outros candidatos. De si mesma chegou a sonhar com um senador, posição feita e ministro possível. Aceitou este Maia; mas, gostando ele, e muito, por que é que não acabava de casar?

Por quê? Eis aí o mais difícil de aventar, amigo leitor. Jucunda não sabia o motivo. Era desses que nascem naqueles escaninhos da alma, em que o dono não penetra, mas penetramos nós outros, contadores de histórias. Creio que se liga à doença do pai. Já estava ferido, na asa, quando ela para cá veio; a moléstia foi crescendo, até fazer-se desenganada. Navalha não exclui espírito, haja vista Fígaro; o nosso velho disse à filha Jucunda, em uma das cartas, que tinha dentro de si um aprendiz de barbeiro, que lhe alanhava as entranhas. Se tal era, era também vagaroso, porque não acabava de escanhoá-lo. Jucunda não supunha que a eliminação do velho fosse necessária à celebração do casamento, – ainda que por motivo de velar o passado; se claramente lhe viesse a ideia, é de crer que a repelisse com horror. Ao contrário, a ideia que agora mesmo lhe acudia, pouco antes de parar o coupé, é que não era bonito casar, enquanto o pai lá estava curtindo dores. Eis aí um motivo decente, leitor amigo; é o que procurávamos há pouco, é o que a alma pode confessar a si mesma, é o que tirou à fisionomia da moça o ar fúnebre que ela parecia haver trazido de casa.

Compraram o enxoval de Raimunda, e o remeteram pelo primeiro vapor, com cartas de ambas. A de Jucunda era mais longa que de costume; falava-lhe do noivo alferes, mas não empregava a palavra *cunhado*. Não tardou que viesse resposta da irmã, toda gratidão e respeitos. Sobre o pai dizia que ia com os seus achaques velhos, um dia

pior, outro melhor; era opinião do doutor que podia morrer de repente, mas podia também aguentar meses e anos.

Jucunda meditou muito sobre a carta. Logo que Maia se lhe declarou, pediu-lhe ela que nada dissessem à madrinha por uns dias; ampliou o prazo a semanas; não podia fazê-lo a meses ou anos. Foi à madrinha, e confiou a situação. Não quisera casar com o pai enfermo; mas, dada a incerteza da cura, era melhor casar logo.

– Vou escrever a meu pai, e peço-me a mim mesma, disse ela, se dindinha achar que faço bem.

Escreveu ao pai, e terminou:

Não o convido para vir ao Rio de Janeiro, porque é melhor sarar antes; demais, logo que nos casarmos, lá iremos ter. Quero mostrar a meu marido (desculpe este modo de falar) a vilazinha do meu nascimento, e ver as cousas de que tanto gostei, em criança, o chafariz do largo, a matriz e o padre Matos. Ainda vive o padre Matos?

O pai leu a carta com lágrimas; mandou-lhe dizer que sim, que podia casar, que não vinha por andar achacado; mas longe que pudesse...

– Mundinha exagerou muito, disse Jucunda à madrinha. Quem escreve assim, não está para morrer.

Tinha proposto casamento à capucha, por causa do pai; mas o tom da carta fê-la aceitar o plano de D. Maria do Carmo e as bodas foram de estrondo. Talvez a proposta não lhe viesse da alma. Casaram-se pouco tempo depois. Jucunda viu mais de um dignitário do Estado inclinar-se diante dela, e dar-lhe o parabém. Os mais célebres colos da cidade fizeram-lhe corte. Equipagens ricas, cavalos briosos, atirando as patas com vagar e graça, pela chácara dentro, muitas librés particulares, flores, luzes; fora, na rua, a multidão olhando. Monsenhor Tavares, membro influente do cabido celebrou o casamento.

Jucunda via tudo através de um véu mágico, tecido de ar e de sonho; conversações, música, danças, tudo era como uma longa melodia, vaga e remota, ou próxima e branda, que lhe tomava o coração, e pela primeira vez, a fazia estupefata diante de alguma coisa deste mundo.

### III

D. Maria do Carmo não alcançou que os recém-casados ficassem morando com ela. Jucunda desejava-o; mas o marido achou que não. Tinham casa na mesma rua, perto da madrinha; e assim viviam juntos e separados. De verão iam os três para Petrópolis, onde residiam debaixo do mesmo teto.

Extinta a melodia, secas as rosas, passados os primeiros dias do noivado, Jucunda pôde tomar pé no recente tumulto, e achou-se grande senhora. Já não era só a

afilhada de D. Maria do Carmo, e sua provável herdeira; tinha agora o prestígio do marido; o prestígio e o amor. Maia literalmente adorava a mulher; inventava o que a pudesse fazer feliz, e acudia a cumprir-lhe o menor dos seus desejos. Um destes consistiu na série de jantares que deram em Petrópolis, durante uma estação, aos sábados, jantares que ficaram célebres; a flor da cidade ali ia por turmas. Nos dias diplomáticos, Jucunda teve a honra de ver a seu lado, algumas vezes, o internúncio apostólico.

Um dia, no Engenho Velho, recebeu Jucunda a notícia da morte do pai. A carta era da irmã; contava-lhe as circunstâncias do caso: o pai nem teve tempo de dizer: *ai, Jesus!* Caiu da rede abaixo e expirou.

Leu a carta sentada. Ficou por algum tempo com o papel na mão, a olhar fixamente; relembrava as cousas da infância e a ternura do pai; saturava bem a alma daqueles dias antigos, despegava-se de si mesma, e acabou levando o lenço aos olhos, com os braços fincados nos joelhos. O marido veio achá-la nessa atitude, e correu para ela.

– Que é que tem? perguntou-lhe.

Jucunda, sobressaltada, ergueu os olhos para ele; estavam úmidos; não disse nada.

– Que foi? insistiu o marido.

– Morreu meu pai, respondeu ela.

Maia pôs um joelho no chão, pegou-a pela cintura e conchegou-a ao peito; ela escondeu a cara no ombro do marido, e foi então que as lágrimas romperam mais grossas.

– Vamos, sossegue. Olhe o seu estado.

Jucunda estava grávida. A advertência fê-la erguer de pronto a cabeça, e enxugar os olhos; a carta, envolvida no lenço, foi esconder no bolso a ruim ortografia da irmã, e outros pormenores. Maia sentou-se na poltrona, com uma das mãos da mulher entre as suas. Olhando para o chão, viu um papel impresso, trecho de jornal, apanhou-o e leu; era a notícia da morte do sogro, que Jucunda não vira cair de dentro da carta. Quando acabou de ler, deu com a mulher, pálida e ansiosa. Esta tirou-lhe o papel e leu também. Com pouco se aquietou. Viu que a notícia apontava tão somente a vida política do pai, e concluía dizendo que este “era o modelo dos varões que sacrificam tudo à grandeza local; não fora isso, e o seu nome, como o de outros, menos virtuosos e capazes, ecoaria pelo país inteiro.”

– Vamos, descansa; qualquer abalo pode fazer-te mal.

Não houve abalo; mas, à vista do estado de Jucunda, a missa por alma do pai foi dita na capela da madrinha, só para os parentes.

Chegado o tempo, nasceu o filho esperado, robusto como o pai, e belo como a mãe. Esse primeiro e único fruto, parece que veio ao mundo menos para aumentar a família, que para dar às graças pessoais de Jucunda o definitivo toque. Com efeito, poucos meses depois, Jucunda atingia o grau de beleza, que conservou por muitos anos. A maternidade realçava a feminidade.

Só uma sombra empanou o céu daquele casal. Foi pelos fins de 1866. Jucunda estava a mirar o filho dormindo, quando lhe vieram dizer que uma senhora a procurava.

– Não disse quem é?

– Não disse, não, senhora.

– Bem vestida?

– Não, senhora; é assim meia esquisita, muito magra.

Jucunda olhou para o espelho e desceu. Embaixo, reiterou algumas ordens; depois, pisando rijo e farfalhando as saias, foi ter com a visita. Quando entrou na sala de espera, viu uma mulher de pé, magra, amarelada, envolvida em um xale velho e escuro, sem luvas nem chapéu. Ficou por alguns instantes calada, esperando; a outra rompeu o silêncio: era Raimunda.

– Não me conhece, Cundinha?

Antes que acabasse, já a irmã a reconhecera. Jucunda caminhou para ela, abraçou-a, fê-la sentar-se; admirou-se de a ver aqui, sem saber de nada; a última carta recebida era já de muito tempo; quando chegara?

– Há cinco meses; Getulino foi para a guerra, como sabe; eu vim depois, para ver se podia...

Falava com humildade e a medo, baixando os olhos a miúdo. Antes de vir a irmã, estivera mirando a sala, que cuidou ser a principal da casa; tinha receio de macular a palhinha do chão. Todas as galanerias da parede e da mesa central, os filetes de ouro de um quadro, cadeiras, tudo lhe pareciam riquezas do outro mundo. Já antes de entrar, ficara por algum tempo a contemplar a casa, tão grande e tão rica. Contou à irmã que perdera o filho, ainda na província; agora viera com a ideia de seguir para o Paraguai, ou para onde estivesse mais perto do marido. Getulino escrevera-lhe que voltasse para a província ou ficasse aqui.

– Mas que tem feito nestes cinco meses?

– Vim com uma família conhecida, e aqui fiquei costurando para ela. A família foi para S. Paulo, vai fazer um mês; pagou o primeiro aluguel de uma casinha onde moro, costurando para fora.

Enquanto a irmã falava, Jucunda contornava-a com os olhos, – desde o vestido de seda já gasto, – o último do enxoval, o xale escuro, as mãos amarelas e magras, até às bichinhas de coral que lhe dera ao sair da província. Era evidente que Raimunda pusera em si o melhor que possuía para honrar a irmã. Jucunda viu tudo; não lhe escaparam

sequer os dedos maltratados do trabalho, e o composto geral tanto lhe deu pena como repulsa. Raimunda ia falando, contou-lhe que o marido saíra tenente por atos de bravura e outras muitas cousas. Não dizia *você*; para não empregar *senhora*, falava indiretamente; “Viu? Soube? Eu lhe digo. Se quiser...” E a irmã, que a princípio fez um gesto para dizer que deixasse aqueles respeitos, depressa o reprimiu, e deixou-se tratar como à outra parecesse melhor.

– Tem filhos?

– Tenho um, acudiu Jucunda; está dormindo.

Raimunda concluiu a visita. Quisera vê-la e, ao mesmo tempo, pedir-lhe proteção. Havia de conhecer pessoas que pagassem melhor. Não sabia fazer vestidos de francesas, nem de luxo, mas de andar em casa, sim, e também camisas de crivo. Jucunda não pôde sorrir. Pobre costureira do sertão! Prometeu ir vê-la, pediu indicação da casa, e despediu-a ali mesmo.

Em verdade, a visita deixou-lhe uma sensação mui complexa: dó, tédio, impaciência. Não obstante, cumpriu o que disse, foi visitá-la à rua do Costa, ajudou-a com dinheiro, mantimento e roupa. Voltou ainda lá, como a outra tornou ao Engenho Velho, sem acordo, mas às furtadelas. No fim de dous meses, falando-lhe o marido na possibilidade de uma viagem à Europa, Jucunda persuadiu a irmã da necessidade de regressar à província; mandar-lhe-ia uma mesada, até que o tenente voltasse da guerra.

Foi então que o marido recebeu aviso anônimo das visitas da mulher à rua do Costa, e das que lhe fazia, em casa, uma mulher suspeita. Maia foi à rua do Costa, achou Raimunda arranjando as malas para embarcar no dia seguinte. Quando ele lhe falou do Engenho Velho, Raimunda adivinhou que era o marido da irmã; explicou as visitas, dizendo que “D. Jucunda era sua patrícia e antiga protetora”; agora mesmo, se voltava para a vila natal, era com o dinheiro dela, roupas e tudo. Maia, depois de longo interrogatório, saiu dali convencido. Não disse nada em casa; mas, três meses depois, por ocasião de falecer D. Maria do Carmo, referiu Jucunda ao marido a grande e sincera afeição que a defunta lhe tinha, e ela à defunta.

Maia lembrou-se então da rua do Costa.

– Todos lhe querem bem a você, já sei, interrompeu ele, mas por que é que nunca me falou daquela pobre mulher, sua protegida, que aqui esteve há tempos, uma que morava na rua do Costa?

Jucunda empalideceu. O marido contou-lhe tudo, a carta anônima, a entrevista que tivera com Raimunda, e finalmente a confissão desta, as próprias palavras, ditas com lágrimas. Jucunda sentiu-se vexada e confusa.

– Que mal há em fazer bem, quando a pessoa o merece? perguntou-lhe o marido, concluindo a frase com um beijo.

– Sim, era excelente mulher, muito trabalhadeira...

#### IV

Não houve outra sombra na vida conjugal. A morte do marido ocorreu em 1884. Bela, com a meação do casal e a herança da madrinha, contando quarenta e cinco anos que parecem trinta e quatro, tão querida da natureza como da fortuna, pode contrair segundas núpcias, e não lhe faltam candidatos; mas não pensa nisso. Tem boa saúde e grande consideração.

A irmã faleceu antes de acabar a guerra. Getulino galgou os postos em campanha, e saiu há alguns anos brigadeiro. Reside aqui; vai jantar, aos domingos, com a cunhada e o filho desta, no palacete de D. Maria do Carmo, para onde a nossa D. Jucunda se mudou. Tem escrito alguns opúsculos sobre armamento e composição do exército, e outros assuntos militares. Dizem que deseja ser ministro da guerra. Aqui, há tempos, falando-se disso no Engenho Velho, perguntou alguém a D. Jucunda se era verdade que o cunhado fitava as cumeadas do poder.

– O general? retorquiu ela com o seu grande ar de matrona elegante; pode ser. Não conheço os seus planos políticos, mas acho que daria um bom ministro de Estado.

MACHADO DE ASSIS

[*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1889; *Obra completa*, Rio de Janeiro: José Aguilar. v. II. p. 1042-1049.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos

**TEXTOS COM APARATO  
EDITORIAL**



## VESPAS AMERICANAS – 1\*



Estas vespas nem são áticas, como as de Aristófan<sup>1</sup>, nem gaulesas, como as de Alphonse Karr.<sup>2</sup> Tenho consciência de que elas mordem com menos graça, e não sabem tirar sangue, fazendo rir o paciente.

Demais, tudo depende do objeto. As vespas áticas investiam contra a filosofia de Sócrates, e as vespas gaulesas contra a monarquia de Julho.<sup>3</sup> Ora, eu creio que não preciso provar que as vespas americanas não pretendem atacar cousa que se pareça com a monarquia de Julho ou com a filosofia de Sócrates.

Portanto, nem por si, nem pelos padecentes, as vespas americanas não podem fazer grande cousa. Darão a sua ferroada, de quando em quando, sem bulha nem matinada.



– Por que não falou ainda o Sr. Ferraz?<sup>4</sup>

É a pergunta que me fazia ontem um membro do parlamento.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da seguinte fonte: SI (5 jun. 1864, p. 1455). São duas as crônicas; elas foram numeradas nesta edição. O título, no periódico, traz ponto-final. A lista das abreviaturas utilizadas encontra-se ao final do texto editado. Editor: Ivo Korytowski.

<sup>1</sup> Aristófanes] Aristófanes – em SI. Alusão à comédia *As vespas*, de 422 a.C., do autor grego antigo Aristófanes, uma sátira ao sistema ateniense de tribunais do júri.

<sup>2</sup> Alusão à revista satírica de grande sucesso *Les Guêpes* publicada pelo romancista e jornalista francês Alphonse Karr de 1839 a 1849.

<sup>3</sup> Período entre 1830 e 1848, em que a França foi governada por Luís Filipe I.

<sup>4</sup> Senador Ângelo Moniz da Silva Ferraz, barão de Uruguaiana (1812-1867).

– Eu sei lá! respondi eu.

E pus-me a cogitar.

– Por que não falaria o ex-ministro da fazenda,<sup>5</sup> quando deve estar empenhado em combater a situação atual, cujos sintomas começaram a aparecer durante o seu ministério?

S. Ex. tem a língua solta, não é peço, tem talento e sabe fazer oposição. Esta viagem a Paris,<sup>6</sup> onde visitou o parlamento, deve dar-lhe vontade de subir amiudadas vezes à tribuna, para mostrar que não só não desaprendeu, como aprendeu muita coisa nova.

Com efeito, é de supor que o ilustre conselheiro, tendo estudado a eloquência parlamentar francesa, reproduza o sestro de certo indivíduo que, tendo ido várias vezes às sessões do júri, não falava senão de um modo pausado e grave:

– Mas, – eu – creio, – que, – tiradas as – consequências, – seremos obrigados – a – concluir – forçosamente, etc., etc., etc.

A expectativa tem sido burlada, e o conselheiro não fala. Mal solta um apartezinho, de quando em quando, e...<sup>7</sup> moita.

O que me parece é que o ilustre senador consultou algum mágico, e no meio daquele silêncio está observando tudo com disfarçada atenção.

S. Ex. usa agora uma luneta quadrada, que prende galhardamente ao olho direito. Esta luneta, não creio que seja uma simples luneta. Todos os que leram Hoffmann lembram-se daquela luneta que um certo Coppélius<sup>8</sup> dá a um rapaz (não é epigrama, conselheiro!) e pela qual o referido rapaz vê cousas diabólicas e extraordinárias. Presumo que o conselheiro achasse no caminho algum Coppélius.<sup>9</sup>

Será assim?

*Dicant Parienses!*<sup>10</sup>



<sup>5</sup> O senador Ferraz foi ministro da Fazenda de 10 de agosto de 1859 a 2 de março de 1861.

<sup>6</sup> Em agosto de 1862 o senador recebeu uma licença de um ano para tratar da saúde na Europa (*Correio Mercantil*, “Notícias Diversas”, p. 1, 9 ago. 1862), licença esta que se prolongou até 1864, já que, na sessão do Senado de 7 jan. 1864, leu-se um requerimento solicitando a extensão da licença até “abril do ano corrente” (*Diário do Rio de Janeiro*, p. 1, 8 jan. 1864).

<sup>7</sup> e...] e... – em SI.

<sup>8</sup> Coppélius] Coppellius – em SI. Referência a “O Homem da Areia” (“Der Sandmann”) do escritor alemão E. T. A. Hoffmann, o primeiro conto do livro *Die Nachtstücke* (*Contos Noturnos*), publicado em 1817.

<sup>9</sup> Coppélius.] Coppellius. – em SI.

<sup>10</sup> Em latim. Tradução: Deixem os parisienses dizerem.

Não vou mais longe porque a folha não comporta.

Naturalmente queriam mais um pouco de política?

Pois não há mais.

Espero o resultado das cousas. Deixo o ministério, a câmara e o senado progredir na obra que lhes está incumbida, sem dizer o que penso a respeito dos boatos sobre a continuação do gabinete.

O que me consta é que o gabinete, em um momento de bom humor, fez uma ligeira paródia do *Gastibelza* de Victor Hugo:<sup>11</sup>

Le vent qui vient du côté de la chambre,  
M'a rendu...<sup>12</sup> fort!

Gil [Machado de Assis].<sup>13</sup>

*Semana Ilustrada*, p. 1455, 5 jun. 1864.

### Abreviaturas empregadas nesta edição

SI – *Semana Ilustrada*.

### Referências

GIL [Machado de Assis]. Vespas americanas. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, p. 1455, 5 jun. 1864.

---

<sup>11</sup> Gastibelza] Gastibelsa – em SI. O poema, do livro *Les rayons et les ombres* (1840), chama-se “Guitarre” e constitui-se de 11 estrofes de oito versos, os ímpares decassilábicos, os pares quadrissilábicos. A primeira estrofe começa com os versos “Gastibelza, l’homme à la carabine, / Chantait ainsi:” (“Gastibelza, o homem com a carabina / Cantava assim:”), e todas as estrofes terminam com os versos “Le vent qui vient à travers la montagne / Me rendra fou!” (“O vento que vem através da montanha / Me deixará louco”), que na paródia citada pelo articulista se transformam em “Le vent qui vient du côté de la chambre, / M’a rendu... fort!” (“O vento que vem do lado do aposento / Me deixou... forte!”)

<sup>12</sup> M’a rendu...] M’a rendu... – em SI.

<sup>13</sup> “Pseudônimo utilizado quinze vezes por Machado, em diversas fases da juventude.” Ubiratan Machado, *Dicionário de Machado de Assis*, verbete “Gil”. Nesta crônica o pseudônimo vem em itálico; na segunda, em redondo.

## VESPAS AMERICANAS – 2\*

Voem, voem, minhas vespas! Há tempos já que vos conservo escondidas e tranquilas. É preciso voar, correr, picar, e depois voltar de novo ao vosso asilo, para sair a novas empresas para a semana seguinte!



Então o governo crê na Providência? Não crê? É católico? Não é? Tais foram as dúvidas que se discutiram ultimamente no senado, a propósito da resposta à fala do trono.<sup>1</sup>

Para provar que o governo não crê na Providência, veio a livraria abaixo, citaram-se exemplos, comparações e invectivas, tudo por parte da oposição.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da seguinte fonte: SI (19 jun. 1864, p. 1471). São duas as crônicas; elas foram numeradas nesta edição. O título da coluna, no periódico, traz ponto-final. A lista das abreviaturas utilizadas encontram-se ao final do texto editado. Editor: Ivo Korytowski.

<sup>1</sup> De fato, nos dias que antecederam a crônica de Machado, o *Correio Mercantil* publicou as transcrições das sessões em que o senado discutiu, entre outros assuntos, sua resposta à “fala do trono” (discurso do imperador). Machado está se referindo especificamente à 18ª sessão, de 8 de junho de 1864, transcrita no referido jornal no dia 14 de junho. São citados Napoleão, o rei de Portugal, o rei da Prússia, o presidente da Bolívia, o rei da Baviera e o parlamento da Inglaterra, mas não a Bélgica nem Tomboncton. Eis a fala em que o Presidente do Conselho, Zacarias de Góis e Vasconcelos, da Liga Progressista, faz essas citações: “Napoleão, abrindo em 12 de janeiro de 1863 a sessão legislativa pronunciou um discurso em que se não fala na divina providência. O discurso, com que o rei de Portugal abriu as câmaras em 4 de setembro de 1862, não traz o nome de Deus. No mesmo caso está o discurso de encerramento proferido pelo rei da Prússia em 14 de outubro de 1862. O presidente da Bolívia no discurso de abertura da assembleia dos deputados em 3 de maio de 1863; o rei da Baviera abrindo a sessão das câmaras em 23 de junho de 1863, e Napoleão no discurso de abertura da sessão legislativa em 5 de novembro de 1863, igualmente omitem o nome da Divina Providência.” (*Correio Mercantil*, p. 1, 14 jun. 1864, acessado na Hemeroteca Digital)

Para provar que o governo crê na Providência, veio igualmente a livraria abaixo, citou-se a Baviera, a Bélgica, a França, não sei se Tomboncton<sup>2</sup> também, tudo por parte do ministério.

E, no fim de contas, ficou o país entre as duas opiniões, inclinado a crer que não crê, quando ouvia a oposição; inclinado a crer que crê, quando ouvia o ministério.<sup>3</sup>

Tal é o jogo deste sistema parlamentar, onde a palavra vem sempre a pelo para alterar, disfarçar, contrariar os fatos, raras vezes para confirmá-los.

Ouvindo aquela discussão (pueril no fundo, como as cousas mais pueris) lembrei-me de um país, fantasiado por um escritor, onde dois jornais, um oposicionista, outro governista, diziam uma certa manhã:

O oposicionista:

“Até quando estaremos debaixo desta tirania feroz? Ainda ontem o príncipe comeu ervilhas! Continuaremos a sofrer semelhante jugo?”

O governista:

“Cada dia nos cabe um benefício do céu, com o príncipe que temos. Ainda ontem o príncipe comeu ervilhas.”

\*

\* \*

Pede-se o conceito da charada, que, sob a forma de discurso, pronunciou o Sr. Ferraz há alguns dias, e veio esta semana impresso no *Mercantil*.<sup>4</sup>

Falei, nas últimas *Vespas*, no silêncio que conservava o Sr. Ferraz. Não podia explicar a mim mesmo aquele silêncio. Agora achei.

Tive um dia um pintassilgo, que me haviam dado de presente. Cantava que era um gosto. Mas, certo dia, deixou de cantar e ficou jururu.

Debalde lhe dava pão de ló e vinho; era inútil. O passarinho não cantava. Entristeci.

---

<sup>2</sup> Nome francês antigo da cidade africana de Tombuctu ou Timbuktu.

<sup>3</sup> Na época o Ministério era presidido por Zacarias de Góis e Vasconcelos, da Liga Progressista.

<sup>4</sup> Vejamos a participação do senador Ferraz nas sessões do senado, conforme registradas pelo jornal *Correio Mercantil*, nos dias que antecederam esta crônica: 21ª sessão de 11 de junho relatada no jornal do dia 18: faltou sem justificar; 20ª sessão de 10 de junho, relatada no jornal do dia 16: compareceu, mas quase não falou; 19ª sessão de 9 de junho, relatada no jornal do dia 15: chegou atrasado e quase não falou; 18ª sessão de 8 de junho, relatada nos jornais dos dias 14 e 15: limitou-se a apartes curtos, por vezes irônicos ou interrogativos; 17ª sessão de 7 de junho, relatada no jornal do dia 13: foi lacônico, com apartes curtos; 16ª sessão de 6 de junho, relatada nos jornais dos dias 11 e 12: em contraste com os dias posteriores, o senador mostrou-se loquaz, praticamente dominando a sessão; 15ª sessão de 4 de junho, relatada no jornal do dia 10: o senador abre a sessão com uma longa arenga sobre os montepios militares. Qual seria a “charada sob a forma de discurso” a que alude Machado não podemos precisar, já que ele não fornece pistas. Poderia ser o discurso sobre os montepios ou uma de suas várias intervenções na sessão de dois dias depois.

Um dia de manhã, fui despertado por um trinado alegre e vivo, mas um pouco hesitante e embrulhado. Corro à gaiola. Era o pintassilgo que cantava. Alegrei-me como nunca.

Indaguei a causa disto, e então explicaram-me que os pássaros, quando estão na muda das penas, ficam mudos e só cantam depois de terem completamente adquirido penas novas. – *Apliquen el cuento!*<sup>5</sup>



Eis o aviso que acompanha o anúncio do teatro de S. Pedro,<sup>6</sup> recentemente reformado:

“Ninguém poderá entrar para as cadeiras superiores sem estar decentemente vestido e sem paletó branco e chapéu baixo ou do Chile;<sup>7</sup> assim também para os lugares inferiores não serão admitidas pessoas sem gravata, ou com roupas que ofendam a dignidade do lugar.”

É justo tudo isto, menos num ponto. Tenho um amigo que anda elegantemente vestido, graças a uma fortuna muito regular, que possui. É rapaz da melhor roda e perfeitamente conhecedor dos estilos da civilidade. Todavia, tem ele um gosto, que pode ser discutido, mas que é um gosto: usa chapéu do Chile, do preço de 55\$000 rs.<sup>8</sup> Pergunta-se: este amigo não poderá entrar nas cadeiras superiores, só por causa de usar de um chapéu do Chile, que, aliás, vale por cinco destes canudos de pelo, que se chamam chapéus, e que podem entrar nas cadeiras superiores?

Ainda mais:

---

<sup>5</sup> *Apliquen el cuento!*] *Appliquen el cuento!* – Em espanhol. Tradução: Apliquem a história. Esta “muda” deve ter sido o período de adaptação depois que voltou de Paris.

<sup>6</sup> Imperial Teatro de São Pedro de Alcântara, inaugurado em 1826, no local do anterior Real Teatro de São João, destruído por um incêndio em 1824. O teatro (na época iluminado à luz de vela!) sofreu vários grandes incêndios e foi sucessivamente reconstruído. No seu local ergueu-se, no século XX, o atual Teatro João Caetano.

<sup>7</sup> Na época o paletó branco era malvisto, como traje de boêmios. Tanto é que na página 4 do jornal literário, poético e noticioso *Galeria Romântica* de 21 de agosto de 1864 (acessado na Hemeroteca Digital) lemos: “– Primeiro que tudo, o que tenho a contar-te de mais consideração, foi em ser recusada a entrada nas cadeiras de 1ª classe a um jovem, por estar de paletó branco. / Isso era de esperar, pois o empresário do teatro anunciou que para as referidas cadeiras, só teriam ingresso as pessoas que estivessem decentemente vestidas.” Parece que Machado está criticando a dubiedade da frase, que pode significar que você não pode ocupar as cadeiras superiores do teatro (1) “sem estar decentemente vestido e sem paletó branco e chapéu baixo ou do Chile” (caso do segundo amigo a que o cronista se refere logo adiante) ou (2) “sem estar decentemente vestido”, e precisa estar “sem paletó branco e chapéu baixo ou do Chile” (caso do primeiro amigo).

<sup>8</sup> 55 mil-réis.

Tenho outro amigo, que só frequenta cadeiras superiores nos teatros, mas que, pela sua posição não usa paletó branco e chapéu baixo. Pergunta-se: estará privado de ir às cadeiras superiores do teatro de S. Pedro?

Era melhor que a direção do teatro não tivesse entrado em tais minuciosidades, e apenas anunciasse que para as cadeiras superiores entravam somente as pessoas decentemente vestidas.

Assim evitava todas estas hipóteses absurdas.

Gil [Machado de Assis].  
*Semana Ilustrada*, p. 1471, 19 jun. 1864.

### **Abreviaturas empregadas nesta edição**

SI – *Semana Ilustrada*.

### **Referência**

GIL [Machado de Assis]. Vespas americanas. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, p. 1471, 19 jun. 1864.

## NO ÁLBUM DO Sr. F. G. BRAGA\*

Pago ao gênio um tributo merecido  
Que a gratidão me inspira;  
Fraco tributo, mas nascido d'alma.  
MAG. *Saudades*.<sup>1</sup>

Qual descantou na lira sonora  
O terno Bernardim<sup>2</sup> com voz suave;  
Qual em tom jovial cantou Elmano<sup>3</sup>  
Brandas queixas de amor, tristes saudades  
5 Que em seus cantares mitigou; ó! Vate,<sup>4</sup>  
Assim da lira tu, ferindo as cordas,  
Cantas amores que em teu peito nutres,  
Choras saudades que tu'alma sente;  
Ou ergues duradouro monumento  
10 À cara pátria que distante choras.<sup>5</sup>

---

\* Este poema ocorre em MF (n. 634, 9 out. 1855, p. 3-4), em DISP (p. 20-21), em TPCL (p. 622-623), em PCRR p. 401-403) e em OCA2015 (v. 3, p. 681-682). A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontram-se ao final do texto editado. Texto-base: MF. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos. Em resposta a este poema de Machado de Assis, Francisco Gonçalves Braga publicou, também na *Marmota Fluminense* (n. 636, 14 out. 1855), “Ao Senhor J. M. M. d’Assis (em resposta)” – este poema de Gonçalves Braga pode ser encontrado neste número da revista, na seção “Outras Edições”.

<sup>1</sup> Os versos desta epígrafe são os três últimos (n. 131-133) do poema “O gênio e a música”, dedicado “À Senhora Catalani” por Gonçalves de Magalhães (*Suspiros poéticos e saudades*, 1939, p. 354-361).

<sup>2</sup> Referência a Bernardim Ribeiro, poeta quinhentista português, autor de poesias líricas, especialmente élogos, e da célebre novela pastoril *Menina e moça*.

<sup>3</sup> Elmano Sadino: pseudônimo árcade do poeta setecentista Manuel Maria Barbosa du Bocage.

<sup>4</sup> ó! Vate,] oh! Vate, – em MF, em DISP e em TPCL; oh! Vate. – em PCRR e em OCA2015. A expressão “ó Vate” é evidentemente vocativa; se fosse exclamativa e se referisse aos poetas (Bernardim Ribeiro e Bocage) citados nos versos anteriores – como sugere o entendimento da pontuação adotada em PCRR e OCA2015, deveria estar no plural – “oh! Vates”. Entendemos que a expressão é vocativa; depois do ponto e vírgula, os versos constituem uma interpelação ao proprietário do “álbum”, Francisco Gonçalves Braga.

<sup>5</sup> Francisco Gonçalves Braga, no ano seguinte ao deste poema, publicou o livro *Tentativas poéticas* (1856), em que reuniu sua produção. Na obra, constata-se os temas registrados nesses versos de Machado de Assis.



- Do Garrett divino – o Vate excelso<sup>6</sup>  
Renasce o brilho inspirador das trovas,  
Das mimosas canções que o mundo espantam  
Nesse canto imortal sagrado aos manes  
15 Do famoso Camões, cantor da Lísia<sup>7</sup>  
São carmes que te inspira o amor da Pátria.  
Nele relatas em divinos versos  
[Do] exímio Trovador, a inteira vida<sup>8</sup>  
Já no campo de Marte; já no cume  
20 Do Parnaso<sup>9</sup> bradando aos povos todos  
Os feitos imortais da lusa gente!<sup>10</sup>  
Nessa epopeia, monumento excelso  
Que em memória do Vate à pátria ergueste,<sup>11</sup>  
Ardente se desliza a etérea chama,  
25 Que de Homero imortal aos sucessores  
Na mente ateia o céu com forte sopro!<sup>12</sup>
- Euterpe,<sup>13</sup> a branda Euterpe nos teus lábios  
Da taça d'ouro, derramando o néctar  
Deu-te a doce [poesia] com que outrora<sup>14</sup>  
30 Extasiou Virgílio<sup>15</sup> ao mundo inteiro!  
“Empunha a lira d'ouro, e canta altivo  
Um Tasso<sup>16</sup> em ti se veja – o estro excelso →

<sup>6</sup> Almeida Garrett: poeta português oitocentista, autor de um poema intitulado “Camões”, composto em dez cantos, com versos decassílabos brancos.

<sup>7</sup> Lísia] Lísia, – em PCRR. Na *Marmota Fluminense*, uma nota a este verso remete ao pé da primeira coluna da página 4, em que há a seguinte nota: “Um belo poema do Snr. Braga, intitulado – Camões.” Esse poema, dedicado a Antônio Feliciano de Castilho, vem entre as páginas 47 e 58 das *Tentativas poéticas* (1856). Camões, conforme diz o verso, foi “cantor da Lísia”, ou seja, de Portugal (ou da gente portuguesa) – na obra *Os Lusíadas*. “Lísia” é o nome poético de Portugal. (MACHADO, 1984, v. 2, p. 887)

<sup>8</sup> [Do] exímio Trovador] O exímio Trovador – em MF, em DISP, em TPCL, em PCRR e em OCA2015. Parece que “O exímio Trovador” não é um objeto direto adequado ao verbo “relatas”. Deveria ser “Do exímio Trovador” – erro tipográfico? Ousamos propor a correção.

<sup>9</sup> “Já no campo de Marte; já no cume / Do Parnaso” – referências a Camões como soldado (no campo de Marte) e como poeta (no cume do Parnaso).

<sup>10</sup> Depois deste verso há espacejamento de divisão de estrofes em DISP e em TPCL.

<sup>11</sup> Alusão ao poema “Camões”, de Francisco Rodrigues Braga.

<sup>12</sup> Em PCRR e em OCA2015 não há espacejamento indicador de divisão estrófica depois deste verso.

<sup>13</sup> Euterpe: musa da música e da poesia lírica.

<sup>14</sup> Deu-te a doce [poesia] com que outrora] Deu-te a doce com que outrora – em MF, em DISP e em TPCL. Neste verso falta certamente uma palavra. A Profa. Rutzkaya Queiroz dos Reis completou-o, inserindo nele – com muita propriedade – a palavra “poesia”. Ela, entretanto, não nos revela a fonte de sua correção – que, supomos terá sido feita por conjectura. Acatamos a correção proposta por ela.

<sup>15</sup> Virgílio: poeta romano, do século I a.C., autor não apenas da *Eneida*, poema épico, mas, também, das *Éclogas* e *Geórgicas*.

<sup>16</sup> Torquato Tasso: poeta italiano, do século XVI, autor de *Jerusalém libertada* (1580), poema em que descreve os combates imaginários entre cristãos e muçulmanos, no fim da Primeira Cruzada.

- De Camões imortal, te assoma à mente;  
E de verde laurel<sup>17</sup> cingida a fronte  
35 Faz teu nome soar na voz da fama!”  
Foram estas as frases<sup>18</sup> com que Apolo<sup>19</sup>  
Poeta te fadou quando nasceste,  
E em doce gesto te imprimiu na fronte  
Um astro de fulgor, que sempre brilha!  
.....
- 40 Ah! que não possam estes pobres versos,  
Que n’áureas folhas de teu belo livro  
Trêmulo de prazer coa destra lanço,  
Provar-te o assombro, que ao ouvir-te sinto!  
Embora!... entre os arquejos de minh’alma  
45 Do opresso coração entre os suspiros  
As brandas vibrações da pobre lira  
Vão em tua alma repetir sinceros  
Votos dest’alma que te prove<sup>20</sup> o assombro  
Que sinto ao escutar-te as notas<sup>21</sup> d’harpa!

Rio de Janeiro[,] 1855.

*J. M. M. d’Assis.*

[*Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 634, p. 3-4, 9  
out. 1855.]

<sup>17</sup> “verde laurel”: coroa de louros, com que eram distinguidos, na Antiguidade, os que alcançavam triunfos nas armas ou nas artes. Na mitologia, o loureiro era a árvore em que se transformou Dafne, para fugir de Apolo (ver nota 16), que fez de suas folhas uma coroa, com a qual passou a ser representado.

<sup>18</sup> estas as frases] estas frases – em DISP e em TPCL

<sup>19</sup> Apolo: inventor da lira, comandante das Musas, protetor das artes, deus da harmonia, da música e da inspiração poética. Era um dos doze principais deuses do Olimpo e o mais radioso dos Imortais.

<sup>20</sup> O “que”, se sujeito de “provar”, está no lugar de “sinceros votos” – o verbo deveria, nesse caso, estar na terceira pessoa do plural: “provem”. Entretanto, a métrica exige o singular. O filólogo J. Leite de VASCONCELOS (1911, p. 418) observava: “A rima e o metro fazem também que os verbos se empreguem indevidamente em certos modos e tempos, o que tanto acontece na literatura popular, como na culta.” Embora ele se refira apenas a “tempos” e “modos” verbais, é de supor-se que o mesmo possa ocorrer com a “pessoa” – essa não é a única passagem, na poesia de Machado de Assis, em que o fenômeno ocorre. Vejam-se estes versos, do soneto “A uma senhora que me pediu versos”, de *Ocidentais*: “Uma só das horas tuas / Valem um mês / Das almas já ressequidas” (ASSIS, 1976, p. 492). Pode-se entender ainda que o “que” vale por “porque” (= para que): “Votos dest’alma [para] que [eu] te prove o assombro”.

<sup>21</sup> notas] novas – em PCRR.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.

MF – *Marmota Fluminense*.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

OCA2015 – *Obra completa*, Nova Aguilar, 2015. 4 v.

### Referências

ASSIS, Machado de [J. M. M. d'Assis]. No album do Sr. F. G. Braga. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 634, p. 3-4, 9 out. 1855. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706914&pasta=ano%20185&pesq=>>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

ASSIS, Machado de. *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: INL, 1965.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. e fixação dos textos por Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

BRAGA, Francisco Gonçalves. *Tentativas poéticas*. Rio de Janeiro: Typ. de Nicolau Lobo Vianna & Filhos, 1856. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=VUD7n2g90zQC>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

GARRETT, Almeida. Camões. In: *Obras*. Porto: Lello & Irmão, 1963. v. 2, p. 269-458.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, [1984]. 3v.

MAGALHÃES, Gonçalves de. *Suspiros poéticos e saudades*. Ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1939.

RIBEIRO, Bernardim. *Obras completas*. Prefácios e notas de Aquilino Ribeiro e M. Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1950. 2v.

VASCONCELOS, J. Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Cássica de A. M. Teixeira, 1911.

**[D. Jucunda]\***

[Ninguém, quando D. Jucunda aparece no Imperial Teatro de D. Pedro II, em algum baile, em casa, ou na rua, ninguém lhe dá mais de trinta e quatro anos. A verdade, porém, é que orça pelos quarenta e cinco; nasceu em 1843.] A natureza tem assim os seus mimosos. Deixa correr o tempo, filha minha, disse a boa madre eterna; eu cá estou com as mãos para te amparar. Quando te enfastiares da vida, unhar-te-ei a cara, polvilhar-te-ei os cabelos, e darás um pulo dos trinta e quatro aos sessenta, entre um cotilhão e o almoço.

É provinciana. Chegou aqui no começo de 1860, com a madrinha,<sup>1</sup> – grande senhora de engenho, e um sobrinho desta, que era deputado. Foi o sobrinho quem propôs à tia esta viagem, mas foi a afilhada quem a efetuou, tão somente com fazer decair<sup>2</sup> os olhos desconsolados.

– Não, não estou mais para essas folias do mar. Já vi o Rio de Janeiro... Você que acha, Cundinha? perguntou D. Maria do Carmo.

– Eu gostava de ir, dindinha.

D. Maria do Carmo ainda quis resistir, mas não pôde; a afilhada ocupava em [se]u coração a alcova da filha que perdera em 1857. Viviam no engenho desde 1858. O pai de Jucunda, barbeiro de ofício, residia na vila, onde fora vereador e juiz de paz; quando a ilustre comadre lhe pediu a filha, não hesitou um instante; consentiu em entregar-lha<sup>3</sup> para benefício de todos. Ficou com a outra filha, Raimunda.

---

\* Esta edição foi realizada pela confrontação das seguintes fontes: GN, CAV1956 (p. 223-234) e OCA1959 (v. II, p. 1042-1048). O exemplar microfilmado da GN encontra-se em mau estado de conservação, com diversos rasgos na folha e a consequente mutilação do texto. Nos trechos faltantes, valemo-nos da lição de OCA1959, que nos pareceu melhor do que a primeira transcrição em volume deste texto – por Raimundo Magalhães Júnior, em 1956. Sinalizamos esses trechos, total ou parcialmente mutilados, pondo-os entre colchetes. Em GN, apenas a quarta parte traz o algarismo romano IV; não é possível saber se as outras partes são numeradas; em CAV1956, apenas a primeira parte não traz numeração; em OCA1959 todas as partes são numeradas – a primeira parte assim: “CAPÍTULO PRIMEIRO”. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Alex Sander Luiz Campos e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> madrinha,] madrinha – em CAV1956.

<sup>2</sup> decair] decair – em CAV1956.

<sup>3</sup> consentiu em entregar-lha] consentiu entregar-lha – em CAV1956 e em OCA1959.

Jucunda e Raimunda eram gêmeas, circunstância que sugeriu ao pai a ideia<sup>4</sup> de lhes dar nomes consoantes. Em criança, a beleza natural supria nelas qualquer outro alinhô; andavam na loja e pela vizinhança, em camisa rota, pé descalço, muito enlameadas às vezes, mas sempre lindas. Aos doze anos perderam a mãe. Já então as duas irmãs não eram tão iguais. A beleza de Jucunda acentuava-se, ia caminhando para a perfeição: a de Raimunda, ao contrário, parava e murchava; as feições iam descambando [n]a banalidade e no inexpressivo. O talhe<sup>5</sup> da primeira tinha outro garbo, e as mãos, tão pequenas como as da irmã, eram macias, – talvez, porque escolhiam ofícios menos ásperos.

Passando ao engenho da madrinha, Jucunda não sentiu a diferença de uma a outra fortuna. Não se admirou de [n]ada, nem das paredes do quarto, nem dos móveis antigos, nem das ricas toalhas de crivo, nem das fronhas de renda. Não estranhou as mucamas (que nunca teve), nem as suas atitudes obedientes; aprendeu logo a linguagem do mando. Cavalos, redes, joias, sedas, tudo o que a madrinha lhe foi dando pelo tempo adiante, tudo recebeu, menos como obséquios de hospedagem que como restituição. Não expressava desejo que se lhe não cumprisse. Quis aprender piano, teve piano e mestre; quis francês, teve francês. Qualquer que fosse o preço das cousas,<sup>6</sup> D. Maria do Carmo não lhe recusava nada.

A diferença de situação entre Jucunda e o resto da família era agravada pelo contraste moral. Raimunda e o pai acomodavam-se, sem esforço, às condições da<sup>7</sup> vida precária e rude,<sup>8</sup> fenômeno que Jucunda atrib[uía],<sup>9</sup> intuitivamente,<sup>10</sup> à índole inferior de ambos. Pai e irmã, entretanto, achavam natural que a outra subisse a tais alturas, com esta particularidade que o pai tirava orgulho da elevação da filha, enquanto que Raimunda nem conhecia esse sentimento; deixava-se estar na humildade ignorante. De gêmeas que eram,<sup>11</sup> e criadas juntas, sentiam-se agora filhas do mesmo pai, – um grande senhor de engenho, por exemplo, – que houvera Raimunda em alguma agregada da casa.

Leitor, não há dificuldade em explicar essas cousas.<sup>12</sup> São desacordos possíveis entre a pessoa e o meio, que os aconteci[mentos] retificam, ou deixam subsistir até que os dous<sup>13</sup> se acomodem. Há também naturezas rebeldes à elevação da fortuna. Vi atribuir à rainha Cristina esta explosão de cólera contra o famoso Espartero: “Fiz-te

<sup>4</sup> a ideia] a aideia – em OCA1959.

<sup>5</sup> talhe] talho – em CAV1956.

<sup>6</sup> cousas,] coisas, – em CAV1956.

<sup>7</sup> da] de – em CAV1956.

<sup>8</sup> rude,] rude: – em CAV1956; rude; – em OCA1959.

<sup>9</sup> atrib[uía,] atribuí – em CAV1956.

<sup>10</sup> intuitivamente,] intuitivamente – em CAV1956 e em OCA1959.

<sup>11</sup> eram,] eram – em CAV1956.

<sup>12</sup> cousas,] coisas. – em CAV1956.

<sup>13</sup> dous] dois – em CAV1956.

duque, fiz-te grande de Espanha; nunca te pude fazer fidalgo”. Não respondo pela veracidade da anedota; afirmo só que a bela Jucunda nunca poderia ouvir à madrinha alguma coisa<sup>14</sup> que com isso se parecesse.]

[III]<sup>15</sup>

[– Sabe quem vai casar? perguntou Jucunda à madrinha, depois de lhe beijar a mão.

Na véspera, estando a calçar as luvas para ir ao Teatro Provisório, recebera cartas do pai e da irmã, deixou-as no toucador, para ler quando voltasse. Mas voltou tarde, e com tal sono, que esqueceu as cartas. Agora de manhã, ao sair do banho, vestida para o almoço, é que as pôde ler. Esperava que fossem como de costume, triviais e queixosas. Triviais seriam; mas<sup>16</sup> havia a novidade do casamento da irmã com um alferes, chamado Getulino.

– Getulino de quê?<sup>17</sup> perguntou D. Maria do Carmo.

– Getulino... Não me lembro; parece que é Amarante, – ou Cavalcanti. Não.<sup>18</sup> Cavalcanti não é; parece que é mesmo Amarante. Logo vejo. Não tenho ideia de semelhante alferes. Há de ser gente nova.

– Quatro anos! murmurou a madrinha. Se eu era capaz de imaginar que ficaria aqui tanto tempo fora de minha casa!

– Mas a senhora está dentro de sua casa, replicou a afilhada dando-lhe um beijo.

D. Maria do Carmo sorriu. A casa era um velho palacete restaurado, no centro de uma grande chácara, bairro do Engenho Velho. D. Maria do Carmo tinha querido voltar à província, no prazo marcado novembro de 1860; mas a afilhada obteve a estação de Petrópolis; iriam em março de 1861. Março chegou, foi-se embora, e voltou ainda duas vezes, sem que elas abalassem daqui; estamos agora em agosto de 1863. Jucunda tem vinte anos.

Ao almoço, falaram do espetáculo da véspera e das pessoas que viram no teatro. Jucunda conhecia já a principal gente do Rio; a madrinha fê-la recebida, as relações multiplicaram-se; ela ia observando e assimilando. Bela e graciosa, vestindo-se bem e caro, ávida de crescer, não lhe foi difícil ganhar amigas e atrair pretendentes. Era das primeiras em todas as festas. Talvez o eco chegasse à vila natal, – ou foi simples

---

<sup>14</sup> coisa] coisa – em CAV1956.

<sup>15</sup> [III] CAPÍTULO II – em OCA1959.

<sup>16</sup> mas] mais – em CAV1956.

<sup>17</sup> Getulino de quê?] Getulino de quê, – em CAV1956.

<sup>18</sup> Não.] Não – em CAV1956.

adivinhação de malévolo, que entendeu colar isto uma noite,<sup>19</sup> nas paredes da casa do barbeiro:

Nhã Cundinha  
Já rainha  
Nhã Mundinha  
Na cozinha.

O pai arrancou, indignado, o papel; mas a notícia correu depressa a vila toda, que era pequena, e foi o entretenimento de muitos dias. A vida é curta.

Jucunda,<sup>20</sup> acabado o almoço, disse à madrinha que desejava mandar algumas cousas<sup>21</sup> para o enxoval da irmã,<sup>22</sup> e, às duas] horas, saíram de casa. Já na varanda, – o *coupé*<sup>23</sup> embaixo, o laçao de pé, desbarretado, com a mão no fecho da portinhola, – D. Maria do Carmo notou que a afilhada parecia absorta; perguntou-lhe o que era.

– Nada, respondeu Jucunda, voltando a si.

Desceram; no último degrau, perguntou Jucunda se a madrinha é que mandara pôr as mulas.

– Eu não; foram eles mesmos. Querias antes os cavalos?

– O dia está pedindo os cavalos pretos; mas agora é tarde, vamos.

Entraram, e o *coupé*,<sup>24</sup> tirado pela bela parelha de mulas gordas e fortes, dirigiu-se para o largo<sup>25</sup> de S. Francisco de Paula. Não disseram nada durante os primeiros minutos; D. Maria é que interrompeu o silêncio,<sup>26</sup> perguntando o nome do alferes.

– Não é Amarante, não, senhora, nem Cavalcanti; chama-se Getulino Damião Gonçalves, respondeu a moça.

– Não conheço.

Jucunda tornou a mergulhar em si mesma. Um dos seus prazeres diletos, quando ia de carro, era ver a outra gente a pé, e gozar as admirações de relance. Nem esse a atraía agora. Talvez o alferes lhe fizesse lembrar algum general; verdade é que só os conhecia casados. Pode ser também que esse alferes, destinado a dar-lhe sobrinhos cabos de esquadra, viesse lançar-lhe alguma sombra aborrecida no céu brilhante e azul. As ideias passam tão rápidas e embrulhadas, que é difícil colhê-las, e pô-las em ordem; mas, enfim, se alguém supuser que ela cuidava também em certo homem, esse não andarà errado. Era candidato recente o doutor Maia, que voltara da Europa, meses antes, para entrar na posse da herança da mãe. Com a do pai, ia a mais de seiscentos contos. A

---

<sup>19</sup> noute,] noite, – em CAV1956.

<sup>20</sup> Jucunda,] Jucunda – em CAV1956.

<sup>21</sup> cousas] coisas – em CAV1956.

<sup>22</sup> irmã,] irmã – em CAV1956.

<sup>23</sup> *coupé*] *cupê* – em CAV1956.

<sup>24</sup> *coupé*,] *cupê*, – em CAV1956.

<sup>25</sup> largo] Largo – em OCA1959.

<sup>26</sup> silêncio,] silêncio – em CAV1956.

questão do dinheiro era aqui um tanto secundária, porque Jucunda tinha certa herança<sup>27</sup> da madrinha; mas não se há de mandar embora um homem, só porque possui seiscentos contos, não lhe faltando outras qualidades preciosas de figura e de espírito, um pouco de genealogia, e tal ou qual pontinha de ambição, que ela puxaria em tempo, como se faz às orelhas das crianças preguiçosas. Já havia recusado outros candidatos. De si mesma chegou a sonhar com um senador, posição feita e ministro possível. Aceitou este Maia; mas, gostando ele,<sup>28</sup> e muito, por que é que não acabava de casar?

Por quê? Eis aí o mais difícil de aventar, amigo leitor. Jucunda não sabia o motivo. Era desses<sup>29</sup> que nascem naqueles escaninhos da alma, em que o dono não penetra, mas penetramos nós outros, contadores de histórias. Creio que se liga à doença do pai. Já estava ferido, na asa, quando ela para cá veio; a moléstia foi crescendo, até fazer-se desenganada. Navalha não exclui espírito, haja vista Fígaro; o nosso velho disse à filha Jucunda, em uma das cartas, que tinha dentro de si um aprendiz de barbeiro, que lhe alanhava as entranhas. Se tal era, era também vagaroso, porque não acabava de escanhoá-lo. Jucunda não supunha que a eliminação do velho fosse necessária à celebração do casamento, – ainda que por<sup>30</sup> motivo de velar o passado; se claramente lhe viesse a ideia, é de crer que a repelisse com horror. Ao contrário, a ideia que agora mesmo lhe acudia, pouco antes de parar o coupé,<sup>31</sup> é que não era bonito casar, enquanto o pai lá estava curtindo dores.<sup>32</sup> Eis aí um motivo decente, leitor amigo; é o que procurávamos há pouco, é o que a alma pode confessar a si mesma, é o que tirou à<sup>33</sup> fisionomia da moça o ar fúnebre que ela parecia haver trazido de casa.

Compraram o enxoval de Raimunda, e o remeteram pelo primeiro vapor, com cartas de ambas. A de Jucunda era mais longa que de costume; falava-lhe do noivo alferes, mas não empregava a palavra *cunhado*. Não tardou que viesse resposta da irmã, toda gratidão e respeitos. Sobre [o pai dizia que ia com os seus achaques velhos, um dia pior, outro melhor; era opinião do doutor que podia morrer de repente, mas podia também aguentar meses e anos.

Jucunda meditou muito sobre a carta. Logo que Maia se lhe declarou, pediu-lhe ela que nada dissessem<sup>34</sup> à madrinha por uns dias; ampliou o prazo a semanas; não podia fazê-lo a meses ou anos. Foi à madrinha, e confiou a situação. Não quisera casar com o pai enfermo; mas, dada a incerteza da cura, era melhor casar logo.

<sup>27</sup> certa a herança] certa herança – em CAV1956.

<sup>28</sup> gostando ele,] gostando dele, – em CAV1956.

<sup>29</sup> desses] dessas – em CAV1956.

<sup>30</sup> por] pôr – em CAV1956.

<sup>31</sup> coupé, (sem itálico, em GN)] cupê, – em CAV1956; *coupé* – em OCA1959.

<sup>32</sup> enquanto o pai lá estava curtindo dores.] enquanto o pai estava curtindo em dores. – em CAV1956.

<sup>33</sup> à] a – em CAV1956.

<sup>34</sup> dissessem] dissesse – em CAV1956.



– Vou escrever a meu pai, e peço-me a mim mesma, disse ela, se dindinha achar que faço bem.

Escreveu ao pai, e terminou:

Não o convido para vir ao Rio de Janeiro, porque é melhor sarar antes; demais, logo que nos casarmos, lá iremos ter. Quero mostrar a meu marido (desculpe este modo de falar) a vilazinha do meu nascimento, e ver as cousas<sup>35</sup> de que tanto gostei, em criança, o chafariz do largo, a matriz e o padre Matos. Ainda vive o padre Matos?<sup>36</sup>

O pai leu a carta com lágrimas; mandou-lhe dizer que sim, que podia casar, que não vinha por andar achacado; mas longe<sup>37</sup> que pudesse...

– Mundinha exagerou muito, disse Jucunda à madrinha. Quem escreve assim, não está para morrer.

Tinha proposto casamento à capucha, por causa do pai; mas o tom da carta fê-la aceitar o plano de D. Maria do Carmo<sup>38</sup> e as bodas foram de estrondo. Talvez a proposta não lhe viesse da alma. Casaram-se pouco tempo depois. Jucunda viu mais de um dignitário do Estado inclinar-se diante dela, e dar-lhe o parabém.<sup>39</sup> Os mais célebres colos da cidade fizeram-lhe corte. Equipagens ricas, cavalos briosos, atirando as patas com vagar e graça, pela chácara dentro, muitas librés particulares, flores, luzes; fora, na rua, a multidão olhando. Monsenhor Tavares, membro influente do cabido<sup>40</sup> celebrou o casamento.

Jucunda via tudo através de um véu mágico, tecido de ar e de sonho; conversações, música, danças, tudo era como uma longa melodia, vaga e remota, ou próxima e branda, que lhe tomava o coração, e pela primeira vez, a fazia estupefata diante de alguma cousa<sup>41</sup> deste mundo.]

### [III]<sup>42</sup>

[D. Maria do Carmo não alcançou que os recém-casados ficassem morando com ela. Jucunda desejava-o; mas o marido achou que não. Tinham casa na mesma rua, perto da madrinha; e assim viviam juntos e separados. De verão iam os três para Petrópolis, onde residiam debaixo do mesmo teto.<sup>43</sup>

---

<sup>35</sup> cousas] coisas – em CAV1956.

<sup>36</sup> Em CAV1956, este parágrafo forma com o anterior e o que o segue um único parágrafo. As palavras da carta vêm no mesmo corpo das demais, e entre aspas apenas.

<sup>37</sup> Seria “logo”?

<sup>38</sup> D. Maria do Carmo] D. Maria do Carmo, – em CAV1956.

<sup>39</sup> o parabém.] os parabéns. – em CAV1956.

<sup>40</sup> cabido] cabido, – em CAV1956.

<sup>41</sup> cousa] coisa – em CAV1956.

<sup>42</sup> [III]] CAPÍTULO III – em OCA1959.

<sup>43</sup> teto.] tecto. – em OCA1959.

Extinta a melodia, secas as rosas, passados os primeiros dias do noivado, Jucunda pôde tomar pé no recente tumulto, e achou-se grande senhora. Já não era só a afilhada de D. Maria do Carmo, e sua provável herdeira; tinha agora o prestígio do marido; o prestígio e o amor.<sup>44</sup> Maia literalmente adorava a mulher; inventava o que a pudesse fazer feliz, e acudia a cumprir-lhe o menor dos seus desejos. Um destes consistiu na série de jantares que deram em Petrópolis, durante uma estação, aos sábados, jantares que ficaram célebres; a flor da cidade ali ia por turmas. Nos dias diplomáticos, Ju]cunda teve a honra de ver a seu lado, algumas vezes, o internúncio apostólico.

Um dia, no Engenho Velho, recebeu Jucunda a notícia da morte do pai. A carta era da irmã; contava-lhe as circunstâncias do caso: o pai nem teve tempo de dizer: *ai, Jesus!*<sup>45</sup> Caiu da rede abaixo e expirou.

Leu a carta sentada. Ficou por algum tempo com o papel na mão, a olhar fixamente; lembrava as cousas<sup>46</sup> da infância<sup>47</sup> e a ternura do pai; saturava bem a alma daqueles dias antigos, despegava-se<sup>48</sup> de si mesma, e acabou levando o lenço aos olhos, com os braços fincados nos joelhos. O marido veio achá-la nessa atitude, e correu para ela.

– Que é que tem? perguntou-lhe.<sup>49</sup>

Jucunda,<sup>50</sup> sobressaltada, ergueu os olhos para ele; estavam úmidos; não disse nada.

– Que foi? insistiu o marido.

– Morreu meu pai, respondeu ela.

Maia pôs um joelho no chão, pegou-a pela cintura e conchegou-a ao peito; ela escondeu a cara no ombro do marido, e foi então que as lágrimas romperam mais grossas.

– Vamos, sossegue. Olhe o seu estado.

Jucunda estava grávida. A advertência fê-la erguer de pronto a cabeça, e enxugar os olhos; a carta, envolvida no lenço, foi esconder no bolso a ruim ortografia da irmã,<sup>51</sup> e outros pormenores. Maia sentou-se na poltrona, com uma das mãos da mulher entre as suas. Olhando para o chão, viu um papel impresso, trecho de jornal, apanhou-o e leu; era a notícia da morte do sogro, que Jucunda não vira cair de dentro da carta. Quando

<sup>44</sup> tinha agora o prestígio do marido; o prestígio e o amor.] tinha agora o prestígio e o amor. – em CAV1956.

<sup>45</sup> Em GN o ponto de exclamação não vem em itálico.

<sup>46</sup> cousas] coisas – em CAV1956.

<sup>47</sup> infância] infância, – em OCA1959.

<sup>48</sup> despegava-se] despregava-se – em CAV1956.

<sup>49</sup> perguntou-lhe.] perguntou ele. – em CAV1956.

<sup>50</sup> Jucunda,] Jucunda – em CAV1956.

<sup>51</sup> irmã,] irmã – em CAV1956 e em OCA1959. Em GN, de fato, a vírgula está mal-impressa (pode-se duvidar dela).

acabou de ler, deu com a mulher, pálida e ansiosa. Esta tirou-lhe o papel e leu também. Com pouco se aquietou. Viu que a notícia apontava tão somente a vida política do pai, e concluía dizendo que este “era o modelo dos varões que sacrificam tudo à grandeza local; não fora isso, e o seu nome, como o de outros, menos virtuosos e capazes, ecoaria pelo país inteiro.”<sup>52</sup>

– Vamos, descansa; qualquer abalo pode fazer-te mal.

Não houve abalo; mas, à vista do estado de Jucunda, a missa por alma do pai foi dita na capela da madrinha, só para os parentes.

Chegado o tempo, nasceu o filho esperado, robusto como o pai, e belo como a mãe. Esse primeiro e único fruto, parece que veio ao mundo menos para aumentar a família, que para dar às graças pessoais de Jucunda o definitivo toque. Com efeito, poucos meses depois, Jucunda atingia o grau de beleza, que conservou por muitos anos. A maternidade realçava a feminidade.

Só uma sombra empanou o céu daquele casal. Foi pelos fins de 1866. Jucunda estava a mirar o filho dormindo, quando lhe vieram dizer que uma senhora a procurava.

– Não disse quem é?

– Não disse, não, senhora.

– Bem vestida?

– Não, senhora;<sup>53</sup> é assim meia esquisita,<sup>54</sup> muito magra.

Jucunda olhou para o espelho e desceu. Embaixo, reiterou algumas ordens; depois, pisando rijo e farfalhando as saias, foi ter com a visita. Quando entrou na sala de espera, viu uma mulher de pé, magra, amarelada,<sup>55</sup> envolvida em um xale velho e escuro, sem luvas nem chapéu. Ficou por alguns instantes calada, esperando; a outra rompeu o silêncio: era Raimunda.

– Não me conhece, Cundinha?

Antes que acabasse, já a irmã a reconhecera. Jucunda caminhou para ela, abraçou-a, fê-la sentar-se; admirou-se de a ver aqui, sem saber de nada;<sup>56</sup> a última carta recebida era já de muito tempo; quando chegara?

– Há cinco meses; Getulino foi para a guerra, como sabe; eu vim depois, para ver se podia...

Falava com humildade e a medo, baixando os olhos a miúdo. Antes de vir [a irmã, estivera mirando a sala, que cuidou ser a principal da casa; tinha receio de macular a palhinha do chão. Todas as galanterias da parede e da mesa central, os filetes de ouro

---

<sup>52</sup> país inteiro.”] país inteiro”. – em CAV1956 e em OCA1959.

<sup>53</sup> – Não, senhora;] – Não senhora; – em CAV1956.

<sup>54</sup> Machado de Assis, como se vê aqui, costumava flexionar o advérbio “meio”, à maneira de escritores mais antigos. Pela norma atual, “meio”, quando usado como advérbio, permanece invariável.

<sup>55</sup> amarelada,] amarela, – em CAV1956.

<sup>56</sup> sem saber de nada;] sem saber de mais nada; – em CAV1956.

de um quadro, cadeiras,<sup>57</sup> tudo lhe pareciam riquezas do outro mundo. Já antes de entrar, ficara por algum tempo a contemplar a casa, tão grande e tão rica. Contou à irmã que perdera o filho, ainda na província; agora viera com a ideia de seguir para o Paraguai, ou para onde estivesse mais perto do marido. Getulino escrevera-lhe que voltasse para a província ou ficasse aqui.

– Mas que tem feito nestes cinco meses?

– Vim com uma família conhecida, e aqui fiquei costurando para ela. A família foi para S. Paulo, vai fazer um mês; pagou o primeiro aluguel de uma casinha onde moro, costurando para fora.

Enquanto a irmã falava, Jucunda contornava-a com os olhos, – desde o vestido de seda já gasto, – o último do enxoval, o xale escuro, as mãos amarelas e magras, até às bichinhas de coral que lhe dera ao sair da província. Era evidente que Raimunda pusera em si o melhor que possuía para honrar a irmã. Jucunda viu tudo; não lhe escaparam sequer os dedos maltratados do trabalho, e o composto geral tanto lhe deu pena como repulsa. Raimunda ia falando, contou-lhe que o marido saíra tenente por atos de bravura e outras muitas cousas.<sup>58</sup> Não dizia *você*; para não empregar *senhora*, falava indiretamente; “Viu? Soube? Eu lhe digo. Se quiser...” E a irmã, que a princípio fez um gesto para dizer que deixasse aqueles respeitos, depressa o reprimiu, e deixou-se tratar como à outra parecesse melhor.

– Tem filhos?

– Tenho um, acudiu Jucunda; está dormindo.

Raimunda concluiu a visita. Quisera vê-la e, ao mesmo tempo, pedir-lhe proteção. Havia de conhecer pessoas que pagassem melhor. Não sabia fazer vestidos de francesas, nem de luxo, mas de andar em casa, sim, e também camisas de crivo. Jucunda não pôde sorrir. Pobre costureira do sertão! Prometeu ir vê-la, pediu indicação da casa, e despediu-a ali mesmo.

Em verdade, a visita deixou-lhe uma sensação mui complexa: dó, tédio, impaciência. Não obstante, cumpriu o que disse, foi visitá-la à rua do Costa,<sup>59</sup> ajudou-a com dinheiro, mantimento e roupa. Voltou ainda lá, como a outra tornou ao Engenho Velho, sem acordo, mas às furtadelas. No fim de dous<sup>60</sup> meses, falando-lhe o marido na possibilidade de uma viagem à Europa, Jucunda persuadiu a irmã da necessidade de regressar à província; mandar-lhe-ia uma mesada, até que o tenente voltasse da guerra.

---

<sup>57</sup> cadeiras,] cadeiras – em OCA1959.

<sup>58</sup> cousas.] coisas. – em CAV1956.

<sup>59</sup> rua do Costa,] Rua do Costa, – em OCA1959. Adotamos a inicial minúscula, como vem no trecho abaixo, em GN. Ver nota 63.

<sup>60</sup> dous] dois – em CAV1956.

Foi então que o marido recebeu aviso anônimo das visitas da mulher à rua do Costa,<sup>61</sup> e das que lhe fazia, em casa, uma mulher suspeita. Maia foi à rua do Costa,<sup>62</sup> achou Raimunda arranjando as malas para embarcar no dia seguinte. Quando ele lhe falou do Engenho Velho, Raimunda adivinhou que era o marido da irmã; explicou as visitas, dizendo que “D. Jucunda era sua patrícia e antiga protetora”; agora mesmo, se voltava para a vila natal, era com o dinheiro dela, roupas e tudo. Maia, depois de] longo interrogatório, saiu dali convencido. Não disse nada em casa; mas, três meses depois, por ocasião de falecer D. Maria do Carmo, referiu Jucunda ao marido a grande e sincera afeição que a defunta lhe tinha, e ela à defunta.

Maia lembrou-se então da rua do Costa.<sup>63</sup>

– Todos lhe querem bem a você, já sei, interrompeu ele, mas por que é que nunca me falou daquela pobre mulher, sua protegida, que aqui esteve há tempos, uma que morava na rua do Costa?<sup>64</sup>

Jucunda empalideceu. O marido contou-lhe tudo, a carta anônima, a entrevista que tivera com Raimunda, e finalmente a confissão desta, as próprias palavras, ditas com lágrimas. Jucunda sentiu-se vexada e confusa.

– Que mal há em fazer bem, quando a pessoa o merece? perguntou-lhe o marido, concluindo a frase com um beijo.

– Sim, era excelente mulher, muito trabalhadeira...

#### IV<sup>65</sup>

Não houve outra sombra na vida conjugal. A morte do marido ocorreu em 1884. Bela, com a meação do casal<sup>66</sup> e a herança da madrinha, contando quarenta e cinco anos que parecem trinta e quatro, tão querida da natureza como da fortuna, pode contrair segundas núpcias, e não lhe faltam candidatos; mas não pensa nisso. Tem boa saúde e grande consideração.

A irmã faleceu antes de acabar a guerra. Getulino galgou os postos em campanha, e saiu há alguns anos brigadeiro. Reside aqui; vai jantar, aos domingos,<sup>67</sup> com a cunhada e o filho desta, no palacete de D. Maria do Carmo, para onde a nossa D. Jucunda se mudou. Tem escrito alguns opúsculos sobre armamento e composição do exército,<sup>68</sup> e outros assuntos militares. Dizem que deseja ser ministro da guerra.<sup>69</sup> Aqui,

---

<sup>61</sup> rua do Costa,] Rua do Costa, – em OCA1959.

<sup>62</sup> rua do Costa,] rua da Costa, – em CAV1956; Rua do Costa, – em OCA1959.

<sup>63</sup> rua do Costa,] Rua do Costa. – em OCA1959.

<sup>64</sup> rua do Costa?] Rua do Costa? – em OCA1959.

<sup>65</sup> IV] CAPÍTULO IV – em OCA1959.

<sup>66</sup> casal] casal, – em CAV1956 e em OCA1959.

<sup>67</sup> domingos,] domingos – em CAV1956.

<sup>68</sup> exército,] Exército, – em CAV1956 e em OCA1959.

<sup>69</sup> guerra,] Guerra. – em CAV1956 e em OCA1959.

há tempos, falando-se disso no Engenho Velho, perguntou alguém a D. Jucunda se era verdade que o cunhado fitava as cumeadas do poder.

– O general? retorquiu ela com o seu grande ar de matrona elegante; pode ser. Não conheço os seus planos políticos, mas acho que daria um bom ministro de Estado.

MACHADO DE ASSIS

### **Abreviaturas utilizadas nesta edição**

CAV1956 – *Contos avulsos*, 1956. [Edição de R. Magalhães Júnior]

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA1959 – *Obra completa*, editora José Aguilar, 1959.

### **Referências**

ASSIS, Machado de. D. Jucunda. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 1º jan. 1889.

ASSIS, Machado de. *Contos avulsos*. Organização e prefácio de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. 3v.

# OUTRAS EDIÇÕES

**AO SENHOR J. M. M. D'ASSIS\***

(EM RESPOSTA)

Com que expressões eu hei de agradecer-te  
    Meu bom, e caro amigo,  
Os versos sonorosos com que honraste  
    A minha estéril musa?  
5 Na mente confundida em vão procuro  
    Uma ideia somente  
Que te diga a emoção que sinto n'alma  
    Ao ler os versos teus,  
Construídos de frases lisonjeiras  
10       Que confundem meu estro!

Mas qu'importa que a mente esteja rude  
    Se tem fogo meu peito,  
Se sente, e os lábios meus dizer-te podem  
    Seus puros sentimentos,  
15 Em dous termos somente reunidos:  
    Gratidão, Amizade?

Rio, 10 de outubro de 1855.

*F. Gonçalves Braga*

[*Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 636, p. 4, 14  
out. 1855.]

---

\* Este poema ocorre em MF (n. 636, p. 4). Trata-se de resposta ao poema de Machado de Assis, "No álbum do Sr. F. G. Braga", publicado neste número da revista. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontram-se ao final do texto editado. Texto-base: MF. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.



### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

MF – *Marmota Fluminense*.

### **Referências**

BRAGA, F. Gonçalves. Ao Sr. J. M. M. d'Assis (em resposta). *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 636, p. 4, 14 out. 1855. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706914&pasta=ano%20185&pesq=>>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

# ARTIGOS

## AS “VESPAS AMERICANAS” DE MACHADO DE ASSIS

*Ivo Korytowski*  
*Pesquisador independente*

**Resumo:** Breve introdução à publicação, nesta *Machadiana* digital, das duas colunas “Vespas Americanas” publicadas em junho de 1864 na revista *Semana Ilustrada* e inéditas em livro, assinadas por Gil, pseudônimo utilizado na juventude por Machado de Assis.

**Palavras-chave:** Machado de Assis, crônicas

“Vespas Americanas” foi uma coluna de crônicas satíricas de Machado de Assis, publicada apenas duas vezes pela revista semanal carioca *Semana Ilustrada*, em 5 e 19 de junho de 1864, sob o pseudônimo Gil. Durante doze anos (1864-1876) Machado foi colaborador regular da revista, participando também de outras colunas, a saber:

“Novidades da Semana / Pontos e Vírgulas / Badaladas”, coluna coletiva, com vários colaboradores, que circulou de 1864 a 1876 e foi mudando de nome. Como todos os autores assinavam com o mesmo pseudônimo, “Dr. Semana”, saber quais colunas foram escritas por Machado tornou-se um trabalho de detetive que desafiou e continua desafiando os especialistas.

“Nova Crônica”, coluna sem periodicidade certa, que circulou em 1869-70, assinada por Sileno.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Uma visão geral da produção machadiana no gênero da crônica pode ser obtida na seção “Crônicas”, de minha autoria, no verbete “Obra de Machado de Assis” da Wikipédia (<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Obra\\_de\\_Machado\\_de\\_Assis](https://pt.wikipedia.org/wiki/Obra_de_Machado_de_Assis)>).

Em relação ao pseudônimo, vale a pena reproduzir o verbete “Gil” do *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan Machado:

Pseudônimo utilizado quinze vezes por Machado, em diversas fases da juventude. A primeira vez foi em *O Espelho*, nos artigos “Folhas Velhas – O Mosteiro de São Bento” e “As gralhas sociais”, nos dias 4 e 18 de dezembro de 1859. Só voltaria a usá-lo nos “Comentários da Semana”, no *Diário do Rio de Janeiro*, de 12 de outubro a 11 de dezembro de 1861, totalizando nove colaborações. O pseudônimo ressurgiu na *Semana Ilustrada*, firmando a seção “Vespas Americanas”, publicada apenas duas vezes, nos dias 5 e 19 de junho de 1864. Depois de um longo hiato, Gil reaparece em dois artigos na *Semana Ilustrada*, em 5 de setembro de 1869 e 30 de janeiro de 1870, este abordando o *Mosaico Brasileiro*, de Moreira de Azevedo.<sup>2</sup>

As fontes de inspiração do autor foram duas, explicitamente citadas na primeira das duas crônicas: “Estas vespas nem são áticas como as de Aristófanes, nem gaulesas, como as de Alphonse Karr.” As vespas áticas são uma alusão à peça *As Vespas* do autor grego antigo Aristófanes, já as vespas gaulesas referem-se à revista satírica de grande sucesso *Les Guêpes* publicada pelo romancista e jornalista francês Alphonse Karr de 1839 a 1849. Tanto na coluna de Machado como nas revistas de Karr, desenhos (diferentes) de uma vespa delimitam os tópicos. Outra possível influência, embora não explicitada, pode ter sido o livro de poesias *A Vespa do Parnaso*, publicado no Porto em 1854 por Faustino Xavier de Novais, que foi amigo de Machado e irmão de Carolina Augusta Xavier de Novais, com quem Machado viria a se casar em 1869.

Machado escreve sobre suas próprias vespas: “Voem, voem, minhas vespas! Há tempos já que vos conservo escondidas e tranquilas. É preciso voar, correr, picar, e depois voltar de novo ao vosso asilo, para sair a novas empresas para a semana seguinte!”

Já Faustino Xavier de Novais escreve no poema “A Vespa”, que abre seu livro:

Por todo o mundo girando  
Me vereis sempre, voando,  
Pica-aqui, pica-acolá;<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Ubiratan Machado, *Dicionário de Machado de Assis*, 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Lisboa: Imprensa Nacional, 2021.

<sup>3</sup> Poema “A Vespa”, em Faustino Xavier de Novais, *A Vespa do Parnaso*. Porto: Tipografia de J. A. de Freitas Júnior, 1854.

Essas *Vespas Americanas* nunca foram publicadas em livro, nem mesmo nas diversas edições da *Obra completa* de Machado de Assis.<sup>4</sup> Quem as descobriu foi José Galante de Sousa, conforme revela Raimundo Magalhães Júnior no volume 2, “Ascensão”, de sua monumental *Vida e obra de Machado de Assis*:

O pseudônimo de Gil vinha de *O Espelho*. Passara, depois, ao *Diário do Rio de Janeiro*. E fora, por fim, retomado na *Semana Ilustrada*. José Galante de Sousa aí o encontrou, assinando umas croniquetas com o título de *Vespas Americanas*, mas apesar de existir numa delas a primeira paródia de Machado de Assis à *Guitarre* de Victor Hugo, sobre *Gastibelza, l’homme à la carabine*, em que tantas vezes reincidiu, o bibliógrafo levou longe demais os seus escrúpulos e disse não dispor de “argumentação cabal” para tal atribuição, desprezando as restantes.<sup>5</sup>

Magalhães Júnior, portanto, discordando da conclusão de Galante de Sousa, julga que a citação ao poema de Hugo (além do pseudônimo Gil) permite atribuir a Machado, sem sombra de dúvida, as duas “croniquetas”. De fato, pesquisa rápida em edição eletrônica das crônicas machadianas (eis que o computador veio substituir as memórias prodigiosas dos pesquisadores de antanho!) mostra que Machado aludiu ao poema de Hugo: 1) Na crônica “Ao Acaso” de 2 de maio de 1865 (“Conhecem os nossos leitores o Gastibelza de Victor Hugo, aquela balada que começa por estes versos:”); 2) nas “Balas de Estalo” de 28 de maio de 1885, tendo merecido uma nota explicativa da organizadora Heloisa Helena Paiva De Luca; 3) na crônica “A Semana” de 29 de novembro de 1896, reproduzida na *Machadiana Eletrônica* v. 7, n. 14 (2024), com interessante nota de rodapé por Gilson Santos sobre o poema e sua paródia por Machado.

Magalhães Júnior já havia citado as *Vespas* antes no artigo “Dispersos de Machado de Assis”, publicado na primeira página do 2º caderno do jornal carioca *Correio da Manhã* de 5 de março de 1966. Ali, escreveu (os negritos são do texto original: “Aquele pseudônimo [Gil], tão frequente no **Diário do Rio de Janeiro**, seria retomado por Machado na **Semana Ilustrada**, assinando as **Vespas Americanas** sob a inspiração das **Guêpes** de Alphonse Karr, em 1864.”

---

<sup>4</sup> Confira: 1) *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado, verbete “Vespas Americanas”; 2) John Gledson, “A história das edições das crônicas machadianas”, em Machado de Assis, *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2013.

<sup>5</sup> R. Magalhães Júnior, *Vida e obra de Machado de Assis*, volume 2, “Ascensão”. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981, p. 56.

Resta o mistério: por que Magalhães Júnior, ao organizar suas coletâneas de textos machadianos inéditos em livro, publicadas entre 1956 e 1958 pela Editora Civilização Brasileira (e republicadas mais tarde pela Ediouro), deixou de fora as “Vespas Americanas”?!

### Referências

ASSIS, Machado de. *Todas as crônicas – Box*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

DE LUCA, Heloísa Helena Paiva (org.). *Balas de estalo de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 1998.

GLEDSON, John. “A história das edições das crônicas machadianas”. In: ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2013.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis* (2ª edição revista e ampliada). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Lisboa: Imprensa Nacional, 2021.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis* (Volume 2, “Ascensão”). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

NOVAIS, Faustino Xavier de. *A vespa do Parnaso*. Porto: Tipografia de J. A. de Freitas Júnior, 1854.

# ÍNDICES

## **ÍNDICES (atualizados até v. 8, n. 16)**

### **TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS TÍTULOS:**

- [A Antônio Martins Marinhas] – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- A + B (12 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 7 e p. 33.
- A + B (16 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 11 e p. 41.
- A + B (22 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 15 e p. 49.
- A + B (28 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 17 e p. 57.
- A + B (4 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 21 e p. 65.
- A + B (14 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 25 e p. 73.
- A + B (24 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 29 e p. 81.
- A Caridade – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- A Ch. F., filho de um proscrito – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- A chinela turca – v. 8, n. 15, p. 25 e p. 99.
- A folha do salgueiro – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- A lanterna de Diógenes – v. 6, n. 11, p. 23 e p. 93.
- A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- A nova geração – v. 2, n. 4, p. 7 e p. 39.
- A reforma pelo jornal – v. 6, n. 11, p. 55 e p. 141.
- A S. M. I. – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- A saudade – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 25.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 30.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 36.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 40.



- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 46.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 50.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 54.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 59.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 65.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 70.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 76.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 83.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 88.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 94.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 98.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 102.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 108.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 120.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 126.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 132.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 138.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 145.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 150.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 156.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 162.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 168.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 172.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 178.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 184.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 190.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 194.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 199.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 204.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 210.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 216.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 220.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 226.

- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 232.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 238.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 242.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 248.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 254.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 261.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 266.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 272.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 278.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 282.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 288.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 294.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 300.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 306.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 312.
- A Semana – 136 (6 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 16.
- A Semana – 137 (13 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 22.
- A Semana – 138 (20 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 28.
- A Semana – 139 (27 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 34.
- A Semana – 140 (3 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 40.
- A Semana – 141 (10 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 47.
- A Semana – 142 (17 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 54.
- A Semana – 143 (24 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 60.
- A Semana – 144 (3 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 66.
- A Semana – 145 (10 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 70.
- A Semana – 146 (17 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 74.
- A Semana – 147 (24 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 80.
- A Semana – 148 (31 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 84.
- A Semana – 149 (7 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 88.
- A Semana – 150 (14 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 94.
- A Semana – 151 (21 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 100.
- A Semana – 152 (28 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 106.

- A Semana – 153 (5 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 112.
- A Semana – 154 (12 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 118.
- A Semana – 155 (19 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 123.
- A Semana – 156 (26 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 128.
- A Semana – 157 (2 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 132.
- A Semana – 158 (9 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 138.
- A Semana – 159 (16 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 144.
- A Semana – 160 (23 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 150.
- A Semana – 161 (30 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 156.
- A Semana – 162 (7 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 162.
- A Semana – 163 (14 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 168.
- A Semana – 164 (21 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 174.
- A Semana – 165 (28 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 180.
- A Semana – 166 (4 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 186.
- A Semana – 167 (11 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 190.
- A Semana – 168 (18 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 196.
- A Semana – 169 (25 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 202.
- A Semana – 170 (1º de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 208.
- A Semana – 171 (8 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 214.
- A Semana – 172 (15 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 220.
- A Semana – 173 (22 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 226.
- A Semana – 174 (29 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 232.
- A Semana – 175 (6 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 239.
- A Semana – 176 (13 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 247.
- A Semana – 177 (20 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 254.
- A Semana – 178 (27 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 262.
- A Semana – 179 (3 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 269.
- A Semana – 180 (10 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 276.
- A Semana – 181 (17 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 283.
- A Semana – 182 (24 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 288.
- A Semana – 183 (1º de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 33.
- A Semana – 184 (8 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 41.

- A Semana – 185 (15 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 47.
- A Semana – 186 (22 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 53.
- A Semana – 187 (29 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 61.
- A Semana – 188 (5 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 67.
- A Semana – 189 (12 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 73.
- A Semana – 190 (19 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 81.
- A Semana – 191 (26 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 89.
- A Semana – 192 (2 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 97.
- A Semana – 193 (9 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 103.
- A Semana – 194 (16 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 111.
- A Semana – 195 (23 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 117.
- A Semana – 196 (1º de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 123.
- A Semana – 197 (8 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 133.
- A Semana – 198 (15 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 141.
- A Semana – 199 (22 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 145.
- A Semana – 200 (29 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 153.
- A Semana – 201 (5 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 161.
- A Semana – 202 (12 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 167.
- A Semana – 203 (19 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 173.
- A Semana – 204 (26 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 179.
- A Semana – 205 (3 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 185.
- A Semana – 206 (10 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 191.
- A Semana – 207 (17 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 199.
- A Semana – 208 (24 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 205.
- A Semana – 209 (31 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 211.
- A Semana – 210 (7 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 217.
- A Semana – 211 (14 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 225.
- A Semana – 212 (21 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 231.
- A Semana – 213 (28 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 237.
- A Semana – 214 (5 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 241.
- A Semana – 215 (12 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 253.
- A Semana – 216 (19 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 259.

- A Semana – 217 (26 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 267.
- A Semana – 218 (2 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 275.
- A Semana – 219 (9 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 281.
- A Semana – 220 (16 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 287.
- A Semana – 221 (23 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 295.
- A Semana – 222 (30 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 303.
- A Semana – 223 (6 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 309.
- A Semana – 224 (13 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 313.
- A Semana – 225 (20 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 321.
- A Semana – 226 (27 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 329.
- A Semana – 227 (4 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 337.
- A Semana – 228 (11 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 345.
- A Semana – 229 (18 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 351.
- A Semana – 230 (25 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 357.
- A Semana – 231 (1º de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 361.
- A Semana – 232 (8 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 367.
- A Semana – 233 (15 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 373.
- A Semana – 234 (22 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 379.
- A Semana – 235 (29 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 385.
- A Semana – 236 (6 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 401.
- A Semana – 237 (13 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 407.
- A Semana – 238 (20 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 413.
- A Semana – 239 (27 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 419.
- A Semana – 240 (3 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 427.
- A Semana – 241 (10 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 433.
- A Semana – 242 (17 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 439.
- A Semana – 243 (24 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 445.
- A Semana – 244 (31 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 451.
- A Semana – 245 (7 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 459.
- A Semana – 246 (14 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 463.
- A Semana – 247 (21 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 469.
- A Semana – 248 (28 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 475.

- A Sereníssima República – v. 8, n. 15, p. 67 e p. 163.
- A um legista – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- A uma menina – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- A uma mulher – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente – v. 1, n. 1, p. 9 e p. 25.
- Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Antes da missa – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Aquarelas I. Os fanqueiros literários – v. 6, n. 11, p. 35 e p. 109.
- Aquarelas II. O parasita – v. 6, n. 11, p. 39 e p. 115.
- Aquarelas II. O parasita (continuação) – v. 6, n. 11, p. 43 e p. 121.
- Aquarelas III. O empregado público aposentado – v. 6, n. 11, p. 47 e p. 129.
- Aquarelas IV. O folhetinista – v. 6, n. 11, p. 51 e p. 135.
- As flores e os pinheiros – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.
- As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- As rosas – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- As ventoinhas – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aspiração – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- [Carta do Gatinho preto] – v. 4, n. 7, p. 33 e p. 77.
- [Carta-prefácio à obra *Legislação servil*] – v. 4, n. 7, p. 25 e p. 59.
- Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Coração triste falando ao sol – v. 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- [Crônica] – 249 (4 de novembro de 1900) – v. 7, n. 14, p. 491.
- [Crônica] – 250 (11 de novembro de 1900) – v. 7, n. 14, p. 503.
- D. Benedita – v. 8, n. 15, p. 43 e p. 127.
- D. Jucunda – v. 8, n. 16, p. 21 e p. 45.
- Elegia – v. 6, n. 12, p. 39 e p. 99.
- Epitáfio do México – v. 6, n. 12, p. 31 e p. 83.

- Errata da primeira edição das *Poesias completas* (1901) – v. 1, n. 1, p. 55.
- Erro – v. 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Fé – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Gabriela da Cunha – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Horas vivas – v. 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Ideal do crítico – v. 6, n. 11, p. 77 e p. 201.
- Lira chinesa: Nota D – v. 7, n. 13, p. 19.
- Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Menina e moça – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa consolatrix – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.
- Na arca – v. 8, n. 15, p. 35 e p. 115.
- [No álbum de Carlos Gomes] – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- No álbum do Sr. F. G. Braga – v. 8, n. 16, p. 19 e p. 41.
- No espaço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- No limiar – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- [Notas de leitura] – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 79.
- [Notas de leitura (segunda parte)] – v. 6, n. 11, p. 69 e p. 175.
- Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade – v. 6, n. 11, p. 59 e p. 145.
- O dilúvio – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- O espelho – v. 4, n. 7, p. 17 e p. 45; e v. 8, n. 15, p. 75 e p. 177.
- O imperador – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
- O jornal e o livro – v. 6, n. 11, p. 27 e p. 97.
- O leque – v. 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- O passado, o presente e o futuro da literatura – v. 6, n. 11, p. 17 e p. 83.
- O poeta a rir – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- O Progresso – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.

- O segredo do bonzo – v. 8, n. 15, p. 61 e p. 153.
- Os arlequins – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Os deuses de casaca – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Os dous horizontes – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Pensamentos de Machado de Assis (recolhidos e organizados por Letícia Malard) – v. 2, n. 3, p. 11.
- Polônia – v. 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- [Por ora sou pequenina] – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Prelúdio – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Quinze anos – v. 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Reflexos – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.
- Saudades – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- Sinhá – v. 6, n. 12, p. 43 e p. 105.
- Souvenir d'exil (tradução de Machado de Assis) – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Stella – v. 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Teoria do medalhão – v. 8, n. 15, p. 17 e p. 85.
- Última folha – v. 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Uma ode de Anacreonte – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Versos a Corina – v. 6, n. 12, p. 47 e p. 113.
- Versos a Corina – III (Fragmento) – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Vespas americanas – 1 – v. 8, n. 16, p. 13 e p. 33.
- Vespas americanas – 2 – v. 8, n. 16, p. 15 e p. 37.
- Visão – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.
- Visio – v. 6, n. 12, p. 23 e p. 69.

**POESIAS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS PRIMEIROS VERSOS:**

- A mulher é um cata-vento, – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aí vão cinco quadrinhas – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.



- Amo aquela formosa e terna moça – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- Ao som da tua voz a mocidade acorda, – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- As orações dos homens – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Beijam as ondas a deserta praia; – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Caía a tarde. Do infeliz à porta, – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- Cantigas modulei ao som da flauta, – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- César! fulge mais luz nas saudações do povo, – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- Como aurora de um dia desejado, – v 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- Desabrochas ainda; tu és bela – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Do sol ao raio esplêndido, – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- Dobra o joelho: é um tumulto. – v 6, n. 12, p. 31 e p. 83.
- Ela tinha no rosto uma expressão tão calma – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- Enfim! sobre esta cena, a tua e nossa glória, – v 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Era uma pobre criança... – v 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Eras pálida. E os cabelos, – v 6, n. 12, p. 23 e p. 69.
- Erro é teu. Amei-te um dia – v 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Está naquela idade inquieta e duvidosa, – v 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Filha pálida da noite, – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Fiz promessa, dizendo-te que um dia – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Flor a abrir, entre nós, surge agora um infante; – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Il est beau. Dans son front où la grâce rayonne, – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- Já raro e mais escasso – v 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Jaz em ruínas o torrão dos mouros; – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Junto ao plácido rio – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia, – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Meiga saudade! – Amargos pensamentos – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos! – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa, depõe a lira! – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.

- Musa, desce do alto da montanha – v 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Na perfumada alcova a esposa estava, – v 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- Nem o perfume que expira – v 6, n. 12, p. 43 e p. 105.
- No arvoredo sussurra o vendaval do outono, – v 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- Noite: abrem-se as flores... – v 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Nós estávamos sós; era de noite; – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro, – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
- Ora esta! Pois tu, que és a mãe da preguiça, – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Para os filhos do céu gêmeas nasceram – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- Por ora sou pequenina – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Qual descantou na lira sonora – v. 8, n. 16, p. 19 e p. 41.
- Quando, coos tênues vínculos de gozo, – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Que a mão do tempo e o hálito dos homens – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.
- Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Querem saber quem sou? O Prólogo. Mudado – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Recebe, ó Braga, o meu canto – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- “Respeita a fouce a espiga que desponta; – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Rico era o rosto branco; armas trazia, – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Rompendo o último laço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- Rosas que desabrochais, – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- Saímos, ela e eu, dentro de um carro, – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto, – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Se, como outrora, nas florestas virgens, – v 6, n. 12, p. 39 e p. 99.
- Sinto que há na minh’alma um vácuo imenso e fundo, – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Taça d’água parece o lago ameno; – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- Tu foges à cidade? – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo – v 6, n. 12, p. 47 e p. 113.
- Um horizonte, – a saudade – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Vi de um lado o Calvário, e do outro lado – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.

- Vi os pinheiros no alto da montanha – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.
- Vou rio abaixo vogando – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.

**TEXTOS ATRIBUÍDOS A MACHADO DE ASSIS:**

- A hebreia – v. 2, n. 4, p. 89.
- A Portugal – v. 2, n. 4, p. 85.
- O Réquiem de Verdi – v. 2, n. 4, p. 93.

**OUTROS TEXTOS RELACIONADOS A MACHADO DE ASSIS:**

- Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- A um jovem poeta (O Sr. J. M. M. d’Assis) – v. 8, n. 16, p. 59.
- Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Machado de Assis (Notícia não assinada, publicada em *A Semana*, 9 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 89.

**AUTORES TRADUZIDOS POR MACHADO DE ASSIS:**

- Bouilhet, Louis
  - Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Chateaubriand, François-René de
  - Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Chénier, André
  - A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Dumas Filho, Alexandre
  - Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
  - Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.

- Girardin, Mme. Émile de
  - Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Han-Tiê
  - O poeta a rir – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- Heine, Heinrich
  - As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Mickiewicz, Adam
  - Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Musset, Alfred de
  - Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ribeyrolles, Charles
  - Souvenir d'exil – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Schiller, Johann Christoph Friedrich von
  - Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Shakespeare, William
  - A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Su-Tchon
  - Coração triste falando ao sol – v. 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- Tan-Jo-Lu
  - O leque – v. 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- Tchan-Tiú-Lin
  - A folha do salgueiro – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- Tchê-Tsi
  - A uma mulher – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- Thu-Fu
  - O imperador – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
  - Reflexos – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.
- Tin-Tun-Sing
  - As flores e os pinheiros – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.

**ARTIGOS E OUTROS TEXTOS, PELOS TÍTULOS:**

- “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.

- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
- A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
- A folha de salgueiro (Tchan-Tiu-Lin) – v. 7, n. 13, p. 83.
- A “Lira chinesa”, de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 183.
- A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- A rir da natureza (Uan-Tié) – v. 7, n. 13, p. 75.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.

- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.

- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- A Semana – 136 (6 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 15.
- A Semana – 137 (13 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 21.
- A Semana – 138 (20 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 27.
- A Semana – 139 (27 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 33.
- A Semana – 140 (3 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 39.
- A Semana – 141 (10 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 45.
- A Semana – 142 (17 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 53.
- A Semana – 143 (24 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 59.
- A Semana – 144 (3 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 65.
- A Semana – 145 (10 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 69.
- A Semana – 146 (17 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 73.
- A Semana – 147 (24 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 79.
- A Semana – 148 (31 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 83.
- A Semana – 149 (7 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 87.
- A Semana – 150 (14 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 93.
- A Semana – 151 (21 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 99.
- A Semana – 152 (28 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 105.
- A Semana – 153 (5 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 111.
- A Semana – 154 (12 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 117.
- A Semana – 155 (19 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 121.
- A Semana – 156 (26 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 127.
- A Semana – 157 (2 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 131.
- A Semana – 158 (9 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 137.
- A Semana – 159 (16 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 143.
- A Semana – 160 (23 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 149.
- A Semana – 161 (30 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 155.

- A Semana – 162 (7 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 161.
- A Semana – 163 (14 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 167.
- A Semana – 164 (21 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 173.
- A Semana – 165 (28 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 179.
- A Semana – 166 (4 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 185.
- A Semana – 167 (11 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 189.
- A Semana – 168 (18 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 195.
- A Semana – 169 (25 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 201.
- A Semana – 170 (1º de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 207.
- A Semana – 171 (8 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 213.
- A Semana – 172 (15 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 219.
- A Semana – 173 (22 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 225.
- A Semana – 174 (29 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 231.
- A Semana – 175 (6 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 237.
- A Semana – 176 (13 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 245.
- A Semana – 177 (20 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 253.
- A Semana – 178 (27 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 261.
- A Semana – 179 (3 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 267.
- A Semana – 180 (10 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 275.
- A Semana – 181 (17 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 281.
- A Semana – 182 (24 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 287.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.
- A uma mulher formosa (Tché-Tsi) – v. 7, n. 13, p. 77.
- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.



- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 301.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 245.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 14, p. 543.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 281.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 16, p. 99.
- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Letícia Malard – v. 2, n. 3, p. 153.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- As flores e os pinheiros (Tin-Tun-Ling) – v. 7, n. 13, p. 85.
- As “Vespas americanas” de Machado de Assis – v. 8, n. 16, p. 63.
- Avulsos dos avulsos – v. 8, n. 15, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- Coração triste, falando ao sol (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 89.
- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.

- Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 301.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Erratas – v. 7, n. 13, p. 251.
- Erratas – v. 7, n. 14, p. 549.
- Erratas – v. 8, n. 15, p. 289.
- Erratas – v. 8, n. 16, p. 107.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 10, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 13) – v. 7, n. 13, p. 221.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 14) – v. 7, n. 14, p. 513.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 15) – v. 8, n. 15, p. 251.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 16) – v. 8, n. 16, p. 69.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.

- Lamento e alento – v. 8, n. 16, p. 9.
- *Le livre de jade* – v. 7, n. 13, p. 91.
- “Lira chinesa”: ”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
- Machado de Assis, tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Machado pensador – v. 2, n. 3, p. 5.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nomes, pronomes, vírgulas, etc. num poema de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 207.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O imperador (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 79.
- O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 193.
- O leque (Tan-Jo-Su) – v. 7, n. 13, p. 81.
- O livro de Jade – v. 7, n. 13, p. 91.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.

- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças - interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Salto para o alto – v. 7, n. 13, p. 15.
- Sequestro de um retrato: o conto “D. Benedita”, de Machado de Assis – d’*A Estação aos Papéis avulsos* – v. 8, n. 15, p. 205.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Sobre o rio Tchú (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 87.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.

#### **OUTRAS ARTES:**

- Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

#### **AUTORES:**

- Aguiar, O Mateus [pseudônimo de autor desconhecido]
  - Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Alencar, Mário de
  - Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- [Araújo, Ferreira de?]
  - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Braga, Francisco Gonçalves
  - A um jovem poeta (O Sr. J. M. M. d’Assis) – v. 8, n. 16, p. 59.

– Campos, Alex Sander Luiz

- 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- “Lira chinesa”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.

– Cei, Vitor

- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.

– Cibrão, Ernesto

- Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.

– Delfino, Luís

- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.

– Feijó, Antônio

- A folha de salgueiro (Tchan-Tiu-Lin) – v. 7, n. 13, p. 83.
- A rir da natureza (Uan-Tié) – v. 7, n. 13, p. 75.
- A uma mulher formosa (Tché-Tsi) – v. 7, n. 13, p. 77.
- As flores e os pinheiros (Tin-Tun-Ling) – v. 7, n. 13, p. 85.
- Coração triste, falando ao sol (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 89.
- O imperador (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 79.
- O leque (Tan-Jo-Su) – v. 7, n. 13, p. 81.
- Sobre o rio Tchú (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 87.

– Freitas, João Vítor

- “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.

– Gledson, John

- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.

- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.

- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- A Semana – 136 (6 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 15.
- A Semana – 137 (13 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 21.
- A Semana – 138 (20 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 27.
- A Semana – 139 (27 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 33.
- A Semana – 140 (3 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 39.
- A Semana – 141 (10 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 45.
- A Semana – 142 (17 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 53.
- A Semana – 143 (24 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 59.
- A Semana – 144 (3 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 65.
- A Semana – 145 (10 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 69.
- A Semana – 146 (17 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 73.
- A Semana – 147 (24 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 79.
- A Semana – 148 (31 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 83.
- A Semana – 149 (7 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 87.
- A Semana – 150 (14 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 93.
- A Semana – 151 (21 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 99.
- A Semana – 152 (28 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 105.
- A Semana – 153 (5 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 111.
- A Semana – 154 (12 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 117.
- A Semana – 155 (19 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 121.
- A Semana – 156 (26 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 127.
- A Semana – 157 (2 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 131.
- A Semana – 158 (9 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 137.
- A Semana – 159 (16 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 143.
- A Semana – 160 (23 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 149.

- A Semana – 161 (30 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 155.
- A Semana – 162 (7 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 161.
- A Semana – 163 (14 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 167.
- A Semana – 164 (21 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 173.
- A Semana – 165 (28 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 179.
- A Semana – 166 (4 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 185.
- A Semana – 167 (11 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 189.
- A Semana – 168 (18 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 195.
- A Semana – 169 (25 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 201.
- A Semana – 170 (1º de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 207.
- A Semana – 171 (8 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 213.
- A Semana – 172 (15 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 219.
- A Semana – 173 (22 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 225.
- A Semana – 174 (29 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 231.
- A Semana – 175 (6 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 237.
- A Semana – 176 (13 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 245.
- A Semana – 177 (20 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 253.
- A Semana – 178 (27 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 261.
- A Semana – 179 (3 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 267.
- A Semana – 180 (10 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 275.
- A Semana – 181 (17 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 281.
- A Semana – 182 (24 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 287.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Herane, Amanda Rios
  - Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Jucá, Gabriela
  - “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
  - Machado de Assis tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
  - Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Korytowski, Ivo
  - As “Vespas americanas” de Machado de Assis – v. 8, n. 16, p. 63.



– Malard, Letícia

- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Machado de Assis – v. 2, n. 3, p. 153.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.

– Melo, M[anuel] de

- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.

– Miranda, José Américo

- 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
- A “Lira chinesa”, de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 183.
- A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 319.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 245.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 14, p. 543.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 281.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 16, p. 99.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Avulsos dos avulsos – v. 8, n. 15, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.

- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 325.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Erratas – v. 7, n. 13, p. 251.
- Erratas – v. 7, n. 14, p. 549.
- Erratas – v. 8, n. 15, p. 289.
- Erratas – v. 8, n. 16, p. 107.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 11, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 13) – v. 7, n. 13, p. 221.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 14) – v. 7, n. 14, p. 513.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 15) – v. 8, n. 15, p. 251.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 16) – v. 8, n. 16, p. 69.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Lamento e alento – v. 8, n. 16, p. 9.
- “Lira chinesa”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.

- Nomes, pronomes, vírgulas, etc. num poema da Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 207.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 193.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Salto para o alto – v. 7, n. 13, p. 15.
- Sequestro de um retrato: o conto “D. Benedita”, de Machado de Assis – d’A *Estação* aos *Papéis avulsos* – v. 8, n. 15, p. 205.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.
- Novais, Faustino Xavier de
  - Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Oliveira, Gracinéa I.
  - A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
  - Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Papassoni, João Paulo
  - Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Peixoto, Luís de Alvarenga
  - O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- Pinto, Nilton de Paiva
  - Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
  - Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
  - Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
  - “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Santos, Gilson
  - “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
  - A Semana: de 1º de dezembro de 1895 a 28 de fevereiro de 1897 – v. 7, n. 14, p. 17.
  - “A Semana”, de Machado de Assis – uma edição anotada – v. 7, n. 14, p. 23.
  - “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.

- Agradecimentos – v. 7, n. 14, p. 21.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Lista de palavras atualizadas – v. 7, n. 14, p. 509.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 193.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Silva, Felipe Lima da
  - Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Souza, Rilane Teles de
  - Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Souza, Roberto Acízelo de
  - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Tito, Fábio
  - Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- Roiz, Lopes
  - Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.
- Walter, Judith
  - O livro de jade – v. 7, n. 13, p. 91.

# ABREVIATURAS

**ABREVIATURAS EMPREGADAS NAS EDIÇÕES DOS TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS**

ABLFN – *A Academia Brasileira de Letras*, 1940.

AL – *Autores e Livros*.

ALA1866 – *A lírica de Anacreonte*, 1866.

AM1875 – *Americanas*, 1875.

ATAS – *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*, 2001.

BABL – *Boletim da Academia Brasileira de Letras*, 1897.

BB – *Biblioteca Brasileira*, t. I, n. 2, 1863.

BP – *Brasil-Portugal*.

CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.

CAV1956 – *Contos avulsos*, ed. R. Magalhães Júnior, 1956.

CB – *Courrier du Brésil*.

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.

CHRY2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.

CJG1998 – *Contos: uma antologia*, 1998, edição de John Gledson.

CLBMA – *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, São Paulo, Instituto Moreira Sales, n. 23 e n. 24, jul. 2008

CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.

CLJ1953 – *Crítica literária*, 1953.

CM – *Correio Mercantil*.

CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.

COC1988 – *A cartomante e outros contos*, 1988.

COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.

CP – *Correio Paulistano*.

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

CRU – *O Cruzeiro*.

CT – *Correio da Tarde*.

DA1934 – *Discursos acadêmicos (1897-1906)*, 1934.

DA1965 – *Discursos acadêmicos*, volume I (1897-1919). 1965.

DA2005 – *Discursos acadêmicos*, tomo I: Volumes I – II – III – IV 1897-1919, 2005.

DB – *Diário de Belém*.

DC1866 – *Os deuses de casaca*, 1866.

DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.

DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.

DN – *Diário de Notícias*.

DP – *Diário de Pernambuco*.

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.

EC – *Estante clássica da Revista de Língua Portuguesa – vol. II: Machado de Assis*, 1921.

ENTR – *Entreato*.

EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.

EP – *A Época*.

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

EST – *A Estação*.

FAL1870 – *Falenas*, 1870.

fól. – fólho.

FUT – *O Futuro*.

GF1974 – *Machado de Assis e o hipopótamo*, 6. ed., 1974.

GN – *Gazeta de Notícias*.

GUAR – *O Guarany*.

JC – *Jornal do Commercio*.

JF – *Jornal das Famílias*.

JR – *Jornal do Recife*.

LC – *Luz e calor*, 1871.

LITO – Litografia de Carlos Linde, publicada em *Brasiliiana Itaú*, 2009.

LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.

MACI – *Machado de Assis e a crítica internacional*, 2009. [MASSA, Jean-Michel. A França que nos legou Machado de Assis. p. 231-265.]

MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.

MAD1957 – *Machado de Assis desconhecido*, 1957.

MAR – *A Marmota*.

MARLP – *Machado de Assis*, Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, org. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo, 2013.

MF – *Marmota Fluminense*.

MM – *Menina e moça*, 1875.

MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.

Ms1862 – Manuscrito datado de 1862, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reproduzido em *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, 2008.

Ms1864 – Manuscrito autógrafo, da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, RJ, datado de 1864.

MsQA1862 – Manuscrito autógrafo no álbum da atriz Júlia Carlota de Azevedo. (reproduzido em CLBMA)

NM – *O Novo Mundo*.

NR1932 – *Novas relíquias*, 1932.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

OP – *O Paiz*.

OR1910 – *Outras relíquias*, 1910.

PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.

PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.

PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.

PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.



- PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.
- PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.
- PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
- PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
- PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
- PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
- PCR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
- PES – *A Província do Espírito Santo*.
- PPGS – *Poesia e prosa*, organização e notas de J. Galante de Sousa, 1957.
- PPP – *Pão partido em pequeninos para o pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.
- PR1937 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1937.
- PR1952 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1952.
- RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.
- RB – *Revista Brasileira*.
- RCPB – *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*.
- REF – *A Reforma*.
- REP – *A República*.
- RMSEL – *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*.
- RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.
- SAUD – *A Saudade*, Rio de Janeiro.
- SEM – *A Semana*.
- SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.
- SEMIL – *Semana Ilustrada*.
- SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.
- SI – *Semana Ilustrada*.
- SL1941 – *Seleta literária*, 1941.
- SM – *Semanário Maranhense*.
- SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.
- TCSNT1982 – *Teatro completo*, Serviço Nacional de Teatro, 1982.
- TJRF2003 – *Teatro*, edição de João Roberto Faria, 2003.
- TMA1910 – *Teatro*, coligido por Mário de Alencar, 1910.
- TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

TVC – Tratado da virtude da castidade, 1737.

TWMJ1952 – *Teatro*, edição da W. M. Jackson, 1952.

UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.

VAS – *Vassourense*. [No jornal, o título corrente é *O Vassourense*.]

VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4 v.

# ERRATAS

## ERRATAS

### Errata do v. 1, n. 1.

Nas páginas 70, onde se lê:

*Toda poesias de Machado de Assis*

leia-se:

*Toda poesia de Machado de Assis*

### Errata do v. 1, n. 2.

Nas páginas 293 a 297, onde se lê:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 1894.

leia-se:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 2018.

Nas páginas 299 a 303, onde se lê:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 1894.

leia-se:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 2018.

### Errata do v. 2, n. 4.

Nas páginas 77 e 169, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

**Errata do v. 3, n. 5.**

Nas páginas 303 a 315, onde se lê

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2015.

leia-se:

*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2020.

Na página 317, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

**Errata do v. 4, n. 7.**

Nas páginas 17 e 45, no segundo parágrafo, onde se lê

constestou-lha

leia-se:

contestou-lha

**Errata do v. 5, n. 9.**

Em numerosas páginas (entre p. 163 e p. 198), nas notas de rodapé, onde se lê

PCEC1972

leia-se:

PCEC1976

Na página 211, nota 92, onde se lê:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 81 e 85, e o artigo (escrito em forma de diálogo) “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

leia-se:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 85 e 89, e o artigo “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*).

**Errata do v. 6, n. 12.**

Na página 56, nota 6, onde se lê:

A medida do verso obriga à absorção deste pronome, “a”, na vogal inicial de “amava” –fato que prejudica o entendimento do verso, quando enunciado oralmente, já que “apaga” o objeto do amor. Não deixa isso de ser um defeito. Ver complementação desta observação na nota 9, ao verso 50, em que ocorre o mesmo fenômeno

leia-se:

A medida do verso obriga à absorção deste pronome, “a”, na vogal inicial de “amava” –fato que prejudica o entendimento do verso, quando enunciado oralmente, já que “apaga” o objeto do amor. Não deixa isso de ser um defeito. Ver complementação desta observação na nota 11, ao verso 50, em que ocorre o mesmo fenômeno

Na página 133, nota 187, onde se lê:

Como nos casos de “mal cuidado” (nota 147) e “mal sofrida” (nota 165), etc.

leia-se:

Como nos casos de “mal cuidado” (nota 149) e “mal sofrida” (nota 167), etc.